

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO**

**JAQUELINE MARQUES**

**FOTO, GRAFIA E ARTE: REFLEXÕES SOBRE O PERFIL DO CURSO DE ARTES  
VISUAIS – BACHARELADO (UNESC)**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011**

**JAQUELINE MARQUES**

**FOTO, GRAFIA E ARTE: REFLEXÕES SOBRE O PERFIL DO CURSO DE ARTES  
VISUAIS – BACHARELADO (UNESC)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
para obtenção do grau de Bacharel no Curso  
de Artes Visuais da Universidade do Extremo  
Sul Catarinense – UNESC

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Silemar Maria de  
Medeiros da Silva

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011**

**JAQUELINE MARQUES**

**FOTO, GRAFIA E ARTE: REFLEXÕES SOBRE O PERFIL DO CURSO DE ARTES  
VISUAIS – BACHARELADO (UNESC)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção de Grau de Bacharelado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 29 de junho de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup> Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva – (UNESC) - Orientadora

Prof<sup>a</sup> Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato – (UNESC)

Prof. Esp. Fabiano Patrício – (UNESC)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que estiveram presentes nestes anos de Universidade, me apoiando, dando força e coragem, com dedicação e entusiasmo. A Deus, por guiar sempre meus caminhos.

Agradeço principalmente meu pai, Jucemar (sempre presente) e a Profª Jussara (sempre presente), por terem me incentivando a cada passo, enquanto viveram. A minha mãe Tânia, que esteve ao meu lado, ajudando nas dificuldades e me reerguendo sempre que necessário. A minha avó Daimar, que sempre me ouviu, animando e dando força para continuar.

Agradeço minha orientadora Silemar, por acreditar no meu potencial e por todo apoio. A coordenadora Aurélia do Curso de Artes Visuais, pelo acesso aos documentos do curso e por fim, meu especial agradecimento a todos os egressos que responderam às questões enviadas por e-mail contribuindo para minha pesquisa.

Aos professores que transmitiram seus conhecimentos e aprendizados, onde não encaravam a sala de aula como apenas um ambiente de ensino, mas sim de amizade, companheirismo e troca de experiências. Meus amigos que estiveram ao meu lado no decorrer das lutas, aos amigos que conquistei nesses anos de Universidade. A Cristiane, Gleidson, e Silvana por todo apoio e auxílio nesta fase importante de conclusão de curso. A minha irmã Carolina e minha amiga Viviane, que me ajudavam na elaboração de alguns trabalhos, com idéias e formas diferentes de representações.

Meus colegas de trabalho, que muitas vezes me deixaram estudar sempre que precisei, colaborando também para o término deste projeto. Muito obrigada.

**“Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar.”**

**Cora Carolina**

## RESUMO

A presente pesquisa surge a partir de questões sobre: onde atuar no mercado de trabalho? Que profissão seguir? Envolve essa inquietação com a pesquisa de conclusão de curso. Esta pesquisa tem o intuito de observar em quais campos de trabalho estão atuando os egressos do Curso de Artes Visuais – Bacharelado - UNESC, materializando essas questões no exercício da produção artística, envolvendo uma poética de construção artística. Trago então como problema de pesquisa: **de que forma uma FOTO GRAFIA pode revelar qual o papel que o egresso do curso de Artes Visuais/Bacharelado ocupa no mercado de trabalho na cidade de Criciúma e Região?** O termo *Foto Grafia*, nesse momento surge enquanto o exercício de registrar um processo de construção da identidade dos egressos do Curso de Artes Visuais - Bacharelado a partir de suas funções no mercado de trabalho. Fotos e escritas dos egressos serão contempladas na produção artística. A metodologia envolve a aplicação de um questionário na intenção de *ouvi-los* a respeito do mercado de trabalho, e das contribuições que o curso propiciou para cada um. Conceitos que partem da história da fotografia, esse aperfeiçoamento, tanto do equipamento para o registro (câmera fotográfica), quanto na maneira de ver esse retrato gravado. Identifica a imagem como uma forma de manifestação, como uma linguagem na qual traz, também, a palavra como imagem. Com base nas pesquisas e estudos feitos, mostra através da *foto grafia*, uma produção envolta com o diálogo com a arte contemporânea, na busca de reflexões **sobre, com e para** o Curso de Artes Visuais - Bacharelado.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Identidade. Fotografia. Egressos. Curso de Artes Visuais - Bacharelado.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Combine. 1963. Robert Rauschenberg.....	15
Figura 2 – Earth Day, 22 April. 1970. Robert Rauschenberg.....	15
Figura 3 – Ilustração de F. Guidon da Câmara Escura, na Enciclopédia de Denis Diderot, 1751.....	17
Figura 4 – Câmara Escura portátil tipo Reflex. 1685.....	18
Figura 5 – Primeira Fotografia. Nicéphore Niépce.....	20
Figura 6 – Primeira fotografia do homem. Mandé Daguerre.....	20
Figura 7 - Primeira fotografia do homem. Mandé Daguerre (ampliada).....	21
Figura 8 - <i>With my tongue in my cheek</i> , 1959. Marcel Duchamp.....	26
Figura 9 - <i>The two ways of life</i> , 1857. Oscar Rejlander.....	29
Figura 10 – “Onde trabalham os egressos?”.....	50
Figura 11 – O grande Vidro, 1915-1923. Marcel Duchamp.....	53
Figura 12 – Fonte (obra ready-made), 1917. Marcel Duchamp.....	54
Figura 13 – Desconstrução do rosto.....	55
Figura 14 – O Cubo.....	56
Figura 15 – Produção Artística.....	57

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Compact Disc - CD

Fundação Educacional de Criciúma – FUCRI

Projeto Político Pedagógico – PPP

Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Metodologia de Pesquisa.....</b>	<b>11</b>
<b>2 FOTO - GRAFIA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 A Fotografia e sua História .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 A fotografia na arte.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 A imagem da palavra.....</b>	<b>32</b>
<b>3 FORMA – ARTE E ARTISTA.....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 A formação do artista.....</b>	<b>36</b>
<b>3.2 Curso de Artes Visuais – Bacharelado – UNESC.....</b>	<b>39</b>
<b>4.1 Cidade de Criciúma e região .....</b>	<b>46</b>
<b>4.2 Pesquisa de campo: com o que trabalham os egressos? .....</b>	<b>48</b>
<b>5 PROCESSO DE CRIAÇÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A paixão pela arte, no meu caso, iniciou na juventude, pois tudo que envolvesse desenhos, pinturas, cerâmicas me interessava. Assim que me formei no ensino médio tive a oportunidade de ampliar esse interesse, iniciando o curso de Artes Visuais Licenciatura, e logo me transferindo para o Bacharelado, que além de focar nas áreas gráficas, buscava desenvolver o lado artístico de cada acadêmico.

No decorrer do curso fui me apaixonando pelo ato de criar, no início, nas disciplinas que focavam a arte gráfica, através de programas de computador. Na primeira semana acadêmica que participei busquei aprender algo novo, me inscrevendo na oficina de Fotografia: Laboratório Preto e Branco, ministrado pela professora Virginia Maria Yunes. No decorrer desta oficina pude estar em contato pela primeira vez com um equipamento mais sofisticado sobre a fotografia, conhecendo e aprendendo seu manuseio. Foi nesta oficina que comecei a me apaixonar pela fotografia, e a procurar cada vez mais informações sobre ela.

Na Matriz Curricular do curso havia a disciplina de fotografia, não via a hora de poder novamente estar em contato direto com esta linguagem, a qual, realmente me cativou. Falo desta parte de poder *produzir* a arte através do ato de fotografar, buscar por esse olhar diferenciado de um fotógrafo artista. Na escolha do tema para o trabalho de conclusão de curso fiquei um pouco na dúvida sobre o que fazer, pois a cerâmica também me interessava, pelo fato de já ter tido um contato profissional com a cerâmica “artística” nas Empresas de Revestimento Cerâmico Eliane<sup>1</sup>. Vejo muitas possibilidades de pesquisa, ao mesmo tempo em que me questiono sobre o próprio campo de trabalho do formando em Artes Visuais - Bacharelado. A princípio, sei que esse campo de trabalho está diretamente ligado ao que a cidade oferece enquanto mercado de trabalho propriamente dito, me questiono sobre os caminhos que podemos reinventar: será mesmo que é o mercado que define o que iremos fazer? De que forma o que aprendemos no curso se relaciona com a arte nesse espaço da cidade? Como a indústria Cerâmica (e outras indústrias da região) tem trabalhado seu processo de criação? Como esses processos de criação trazem a especificidade do lugar? Os acadêmicos formados

---

<sup>1</sup> Uma empresa familiar que iniciou suas atividades em 1960, e está sob o comando da terceira geração, com participação de membros da quarta geração. A Eliane foi a primeira cerâmica brasileira a fabricar Porcellanato e sempre busca inovar em tudo que produz.

em Artes Visuais Bacharelado têm ocupado esses espaços de criação artística na cidade? De que forma?

Essa relação formando de artes e mercado de trabalho me inquieta, me questiona, sou tomada pelo desejo de buscar respostas. Para tanto, pontuo como problema dessa investigação: “De que forma uma **FOTO GRAFIA** pode revelar qual o papel que o egresso do curso de Artes Visuais - Bacharelado ocupa no mercado de trabalho na cidade de Criciúma e Região?”

Não busco através desta pesquisa colocar uma regra de profissão para os formados em Bacharelado, mas sim poder, pelo exercício da pesquisa em arte, melhor refletir sobre o perfil do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, considerando o mercado de trabalho. No decorrer desta investigação, proponho diálogo com autores, sobre a fotografia enquanto registro, ao mesmo tempo em que linguagem da arte. Abordar teoricamente questões sobre arte, em específico, arte contemporânea faz-se, também, desafio desta proposta. A imagem da palavra é algo que ecoa na busca de melhor compreender a identidade do Curso de Artes Visuais, enquanto um dos processos de criação da obra produzida a partir da investigação. As palavras contempladas serão aquelas que vierem da aplicação do questionário, no exercício de construção poética e estética da identidade do Curso e ou dos egressos, propriamente dito. Ao pesquisar a Matriz Curricular do Curso, as ementas das disciplinas, e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, entre outros documentos, algumas palavras também serão contempladas, no exercício de estabelecer relações com o que dizem os egressos.

A relevância dessa investigação está na busca de uma melhor compreensão da identidade do Curso de Artes Visuais frente ao mercado de trabalho da cidade de Criciúma e região, entendendo que há uma necessidade constante de mudança, a partir da idéia de que a identidade não é fixa, segundo Stuart Hall (2005). O que fazem os egressos do Curso de Artes - Bacharelado com relação ao mercado de trabalho oferecido pela cidade (e fora desse mercado de trabalho), pensando-os como artistas em constante formação?

Para tanto, a cientificidade dessa investigação exige um percurso teórico, o qual assume o papel de elucidar caminhos; (re) início, assim, pelas questões metodológicas.

## 1.1 Metodologia de Pesquisa

Existem muitas formas de conceituarmos uma pesquisa científica, pois ela procura respostas para certas indagações e problemas estabelecidos pelo pesquisador. Zamboni define pesquisa como sendo:

[...] a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano. [...] A pesquisa presume a escolha de um caminho a ser trilhado para se buscar uma finalidade determinada (2001, p. 51).

A pesquisa de TCC intitulada: “FOTO, GRAFIA E ARTE: Reflexões sobre o Perfil do Curso de Artes Visuais - Bacharelado (UNESC)”, inscreve-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas<sup>2</sup> do Curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Esta é uma pesquisa fundamentada na área da arte, fotografia e na busca da identidade do curso, portanto, é uma pesquisa qualitativa, pois é difícil uma possível quantificação.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1993, p. 21-22)

Quanto aos procedimentos técnicos, será também uma pesquisa bibliográfica, onde buscarei em livros, artigos, sites, documentos, entre outros meios, assuntos relacionados à arte, fotografia, ao curso de Artes Visuais - Bacharelado e sobre o local onde se dá a pesquisa: a cidade de Criciúma e região. Além da pesquisa bibliográfica faz-se necessário também, para melhor elucidar a situação profissional dos egressos do Curso, uma pesquisa de campo na qual proponho a aplicação de um questionário que será encaminhado on-line aos egressos do ano de 2003 e 2010. Trata-se de uma pesquisa aplicada, pois busca verdades e interesses

---

<sup>2</sup> Essa linha de pesquisa contempla: “Fundamentos históricos tecnológicos, elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais”.

locais; e exploratória, pois serão feito levantamentos bibliográficos sobre arte, foto e grafia (como identidade).

Enquanto pesquisa, posso dizer também, que é uma pesquisa em arte, pois ela dialoga diretamente com a realização de uma produção artística. Segundo Cattani (2002 apud LEITE, 2008, p. 31) a pesquisa em arte é “aquela relacionada à criação das obras, que compreende todos os elementos do fazer, a técnica, a elaboração de formas, a reflexão, ou seja, todos os elementos de um pensamento visual estruturado”.

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o perfil do curso de Artes Visuais – Bacharelado, observando se os egressos do curso estão trabalhando em locais relacionados ao campo de estudo no qual estiveram presentes por quatro anos.

No decorrer desta investigação, estarei falando sobre FOTO – GRAFIA e ARTE. A foto, que é uma forma de registrar, de guardar momentos e ações, relembrando o início da fotografia, como surgiu, sua trajetória no decorrer da história, acrescido de seu papel enquanto linguagem da arte. Da grafia, como palavra, como forma de registro, buscando aproximação constante com a identidade.

Sobre as entrevistas, foram enviados 144 e-mails, sendo que em média 60 foram considerados como inexistentes e retornaram para a minha caixa de e-mail. Os e-mails foram encaminhados no dia 05 de maio de 2011, considerando as respostas recebidas até o dia 28 de maio do mesmo ano, apenas 18 retornaram e esses foram os analisados.

## 2 FOTO - GRAFIA

Quando faço o uso do termo *Foto Grafia*, penso em um processo de captação de imagens, aqui falo da captação de imagens da identidade dos egressos do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, mas esse termo tem outra história que tem uma origem que se justifica a partir da própria palavra.

Podemos pensar então, o que é identidade? Como podemos ser o eu identidade na sociedade?

O homem, conforme vai se desenvolvendo, acaba perante a sociedade construindo uma identidade, nem sempre essa identidade é o "eu real", o que realmente sou e quero que os outros reconheçam assim, no entanto, passa a construir uma identidade determinada pela cultura, pelo espaço onde vive. Segundo Hall (2001, p. 11) "o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem".

Conforme nossa cultura, a qual vivenciamos perante a sociedade, acabamos assumindo a identidade da cultura, seguindo um padrão, onde isso tem que ser assim e não assim, posso fazer isso e não aquilo. Acabamos na maioria das vezes sendo a identidade da sociedade, nos apropriando do que a sociedade nos impõe, com medo muitas vezes de revelar nossa verdadeira identidade.

Para Hall (2001, p. 13), a identidade "é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu coerente'". O ser humano não nasce com sua identidade formada, ele vai se adaptando as identidades que a sociedade e a cultura oferecem no decorrer de sua história, podendo mudar e ficar indeciso de qual identidade lhe favorece mais, ou lhe preenche melhor, a que mais se parece consigo.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2001, p.13)

Com o avanço da modernidade, com o desenvolvimento da globalização, com as novas descobertas tecnológicas, os costumes se modificam, vai assim, interferindo na identidade do indivíduo, ele passa a sofrer influências com os contatos com os novos meios.

[...] o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*. Todo meio de representação - escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação - deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. (HALL, 2001, p.70)

Conforme a sociedade evolui, os preconceitos mudam, e muitos são esquecidos. A presente investigação vai utilizando se desses novos meios, pois, venho falar da *foto grafia* como identidade. Falar de fotografia é o que me impulsiona nesse momento.

Fotografia vem do grego, onde *photós* significa luz e *graphia* escrita, ou seja, é a escrita da luz, o desenhar com a luz, Borges (2005, p. 37) afirma que a fotografia é “a arte de fixar a luz de objetos mediante a ação de certas substâncias”. Como falar de fotografia, sem falar de arte nessa proposta? Mesmo que, quando ela surgiu, por ser um meio técnico de produção da imagem, não era considerada arte, pelo fato também de os artistas (pintores e escultores) da época, por medo de suas obras não serem mais procuradas e apreciadas, não assumiam a fotografia como arte.

No decorrer dos anos os artistas passaram a utilizar a fotografia de várias formas, começaram a experimentá-las em múltiplos momentos. Atualmente, na arte contemporânea, a fotografia esta sendo utilizada na poética de vários artistas. Tanto com a colagem da fotografia juntamente com as pinturas e outros materiais, como sendo manipuladas e transformadas através da mídia digital. Perez (2008, p. 5) afirma que “a antiga relação da fotografia com a pintura, que na contemporaneidade tem suas origens na Pop Art, que assimilou o uso de outros meios à fotografia”. O trabalho de *Robert Rauschenberg* (figura 1 e figura 2) revela essa relação do uso de variados materiais, sendo a fotografia, com pinturas, desenhos, o uso de diversas formas para a representação e a ligação com a arte. Ele utiliza a fotografia como sua base principal, na qual vai transformando-a com toques manuais e cores, através de tintas, grafites, utilizando colagens. Algumas de suas obras passam a ter um sentido de manifesto, de uma luta por um mundo melhor, pelo diferencial da arte, o inovador.

Figura 1 - Combine. 1963. Robert Rauschenberg<sup>3</sup>



Fonte: [http://translate.googleusercontent.com/translate\\_c?hl=pt-BR&langpair=en%7Cpt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/File:Robert\\_Rauschenberg's\\_untitled\\_'combine',\\_1963.jpg&rurl=translate.google.com.br&usg=ALkJrhhB0OqFKoEZRL4R8Qd5Oez1LE5cfA](http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=pt-BR&langpair=en%7Cpt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/File:Robert_Rauschenberg's_untitled_'combine',_1963.jpg&rurl=translate.google.com.br&usg=ALkJrhhB0OqFKoEZRL4R8Qd5Oez1LE5cfA)

Figura 2 – Earth Day, 22 April. 1970. Robert Rauschenberg<sup>4</sup>



Fonte: [http://vandm.com/Robert-Rauschenberg-Vintage-Offset-Lithograph-Earth-Day-1970/3\\_239\\_60=560\\_product=276033.aspx](http://vandm.com/Robert-Rauschenberg-Vintage-Offset-Lithograph-Earth-Day-1970/3_239_60=560_product=276033.aspx)

A Pop Art surgiu em meados dos anos 60, após o Expressionismo Abstrato, era um movimento que utilizava técnicas de serigrafia, da fotografia como colagem, ou até mesmo onde a fotografia é o foco, e as demais formas fazem parte de uma composição. Usa séries em repetição, e na maioria das vezes palavras para montar a composição. Segundo Dubois (2003, p. 273) “a relação entre Pop Art e

<sup>3</sup> Petróleo, tinta serigráfica, metal e plástico sobre tela.

<sup>4</sup> Serigrafia em preto e castanho.



fotografia é privilegiada: não é nem simplesmente utilitária, nem estético-formal, é quase ontológica. [...] *A Pop Art é um pouco a polaróide da pintura*".

Assim como a Pop Art, a arte contemporânea também se apropria da fotografia, ou seja, a fotografia passa a fazer parte da obra. A fotografia é uma forma na qual registramos momentos que vão ficar guardados para sempre, fazendo com que possamos lembrar momentos, pessoas, fatos, que de alguma forma não ocorrerão ou estarão mais presentes.

A foto, como dito anteriormente, é uma forma de registro, podendo aguçar a imaginação, ou num simples olhar ter uma pré-impressão. A grafia nos remete em pensar na escrita, no que mais além que uma imagem, temos a confirmação e a certeza de algo. Remetendo assim como a foto uma identidade, uma verdade registrada.

## 2.1 A Fotografia e sua História

O ser humano encontra a necessidade de registrar acontecimentos, fatos a muito mais tempo do que possamos imaginar. Já na época das cavernas o homem vem demonstrando através de desenhos e imagens, o que vivenciavam e acreditavam.

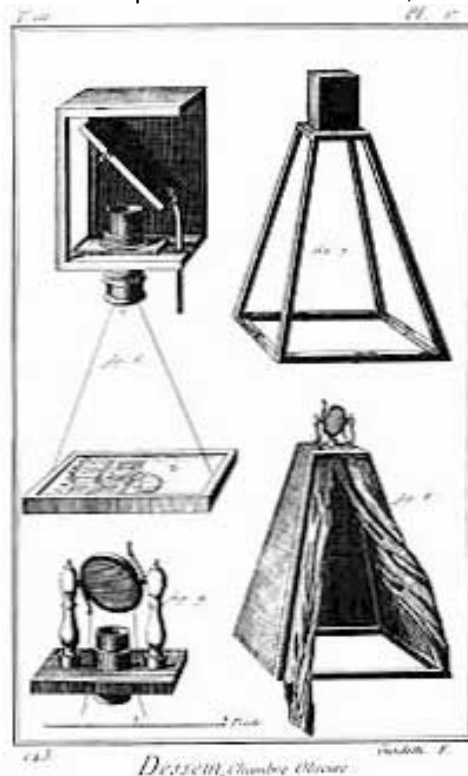
A fotografia passa a ser uma forma de parar uma ação, um momento, assim como diz Kubrusly (1991, p.7) "fotografar passa a ser o ato de parar o fluir de uma imagem já existente". É uma forma de poder guardar um momento que nos chama atenção, um evento importante, pessoas e até mesmo fatos marcantes tanto da vida de pessoas, como de fatos da história.

Na metade do século XIX surgiu a fotografia, na qual através de uma câmera obscura, ocorria a captura da imagem através da luz. A fotografia foi cativando cada vez mais as pessoas, e aguçando mais interesses, pois seria possível obter retratos sem precisar mais que um pintor o fizesse. Era algo mais prático e muito mais rápido que a pintura, e também com relação a detalhes, não tinha comparação, tudo era como o real, sem obter de alguma alteração, era o que se via.

O que mais os impressionava era o fato de ser possível obter uma imagem "sem o auxílio da mão do homem", como se dizia então. Parecia mágico – quase bruxaria – que uma máquina pudesse produzir imagens tão perfeitas de qualquer coisa que se colocasse diante dela. (KUBRUSLY, 1991, p.8)

Sendo algo novo e praticamente sem ter as mãos ou a intervenção do homem, nenhum contato para modificação, através da luz, a fotografia era considerada uma obra da natureza, na qual agia por si só. Ainda no século XVII, indo para o XVIII já eram feitos registros através da câmera escura<sup>5</sup>, para termos uma idéia do que seria essa câmera, podemos observar as figuras 3 e 4. Após a revelação, assim que ficava em contato com a luz, a imagem acabava se perdendo, por não ter resistência.

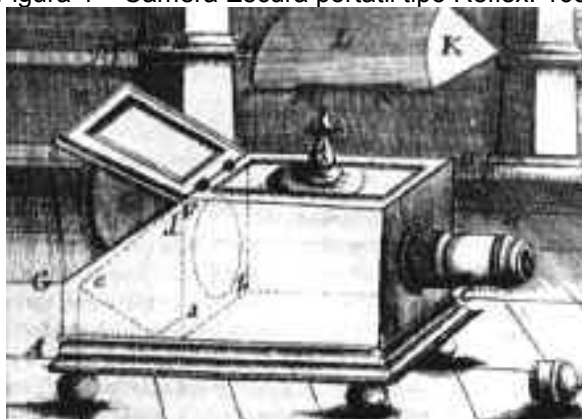
Figura 3 – Ilustração de F. Guidon da Câmera Escura, Na Enciclopédia de Denis Diderot, 1751



Fonte: [www.cotianet.com.br](http://www.cotianet.com.br)

<sup>5</sup> Meras caixas dotadas de um pequeno orifício para deixar entrar a luz num dos lados, de modo a produzir uma imagem na superfície oposta, posteriormente, surgiram modelos mais complexos, dotados de objetivas e vidro despolido para facilitar o controle e a visualização da imagem. (ITAÚ CULTURAL, 2008)

Figura 4 – Câmera Escura portátil tipo Reflex. 1685



Fonte: [www.cotianet.com.br](http://www.cotianet.com.br)

Vários pesquisadores estavam na busca da fórmula para fixar a imagem no papel, entre eles, quem estava no caminho para este acontecimento foi o francês Josep Nicéphore Niépce (1765-1833), o qual começou a utilizar o betume da Judéia e sais de prata, e em 1827 conseguiu gravar a primeira imagem, desenvolvendo a heliografia<sup>6</sup>.

A fotografia não possui um inventor definido, pois é um processo de vários estudos e pesquisas no decorrer do tempo. Com o passar das pesquisas quem obteve um bom resultado na fixação da imagem foi o pintor Louis Jacques Mandé Daguerre, o qual observou que o betume tinha algumas limitações, passando a utilizar placas de cobre recobertas com prata polida. Seu método teve como nome *daguerreotipia*, sendo aberto ao mundo, gerando um grande crescimento de fotógrafos no mundo.

[...] Niépce se associou a Louis Jacques Mande Daguerre (1787 – 1851) que, após 1839, veio a ser conhecido como o inventor da *daguerreotipia*. Desse processo que consistia em usar uma fina camada de prata polida, aplicada sobre uma placa de cobre e sensibilizada em vapor de iodo, resulta uma imagem de alta precisão, embora apenas uma cópia. (BORGES, 2005, p. 38)

A fotografia também teve seu pioneiro no Brasil, onde antes mesmo de Daguerre ser anunciado por sua descoberta. Trata-se de Hércules Florence, um francês que morava na atual Campinas, em São Paulo, que já havia conseguido gravar imagens através da luz, “desenvolia suas pesquisas sobre a reprodução de imagens mediante processos químicos que ele próprio chamou de *photographie*”,

<sup>6</sup> Processo químico para fixar, em uma câmera escura, a luz emanada de objetos.

afirma Borges (2005, p. 38). Alguns anos depois, o inglês Talbot criou o calótipo, um negativo de papel proporcionando serem feitas varias cópias de uma mesma foto. Após sua criação e sua experiência, no ano de 1839 foi publicada em um folheto essa experiência, mostrando todo seu trabalho, onde acabava relacionando a fotografia com a arte, conforme afirma Kubrusly:

[...] um inglês que também inventou a fotografia – com silhuetas de pequenos objetos, obtidas pela ação da luz sobre papel previamente sensibilizado. O título dessa publicação – “Notas sobre a arte do desenho fotogênico, ou processo pelo qual os objetos naturais podem se delinear a si mesmos sem ajuda do lápis do artista” – lança o germe da dúvida sobre a natureza íntima da fotografia, sublinhando a independência da futura imagem fotográfica dos erros e imperfeições humanas. (1991, p.35)

Sendo o objeto se desenha por si só, sem a mão do desenhista ou pintor, que tem o poder de modificar ou acrescentar algo mais na imagem, não se tem dúvida e sua originalidade da imagem, de que ela é realmente o que está na fotografia.

Para que a imagem ficasse fixa no “papel”, era necessário certo tempo de exposição à luz, sendo que neste tempo em que era exposto não poderia ocorrer nenhum movimento. Foi por esse motivo que o homem não foi o primeiro a ser fotografado, pois seria muito difícil ficar por uma quantidade grande de tempo sem fazer nenhum movimento.

O retrato da primeira fotografia (figura 5) foi feita por Nicéphore Niépce, não se sabendo ao certo o ano, pois alguns autores acabam trazendo datas diferentes. Tendo como embasamento as datas encontradas, podemos dizer que isso ocorreu entre o ano de 1825 a 1827. O retrato mostra o quintal de sua casa, se observar bem a imagem, pode-se perceber que a luz está vindo tanto da direita como da esquerda, ou seja, mostrando dois focos de luz, como se tivesse sendo iluminada por dois sóis. Segundo Kubrusly (1991, p.43) "a explicação é simples: segundo o próprio Niépce, a imagem foi obtida com uma exposição de oito horas. Assim, o sol iluminou um lado da cena pela manhã e à tarde, o outro: ninguém poderia ficar imóvel por tanto tempo".

Figura 5 – Primeira Fotografia. Nicéphore Niépce



Fonte: [www.mentesmodernas.com.br](http://www.mentesmodernas.com.br)

Muitas foram as tentativas para gravar o homem em uma fotografia. Câmeras eram espalhadas pela cidade, principalmente em ruas, avenidas, onde havia maior acesso de pessoas. Como a câmera acabava ficando muito tempo exposta a luz, e a movimentação das pessoas era muito mais rápida que a captação, as ruas sempre saíam desertas, vazias. Algum dia o homem tinha que de alguma forma *estar* na fotografia, muitos eram os estudos para o acontecimento, um dia, porém, sem ser intencional, tanto para o fotógrafo, como para o fotografado, surge uma leve imagem do homem. Conforme relata Kubrusly,

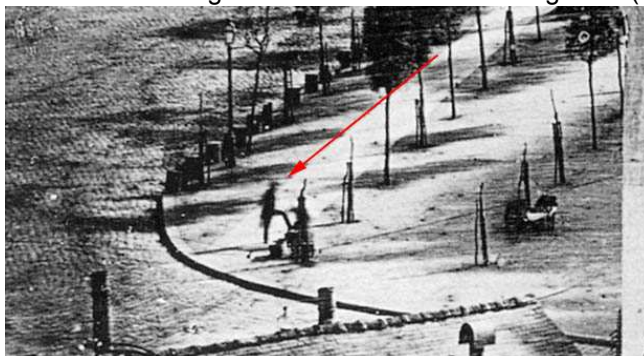
A primeira pessoa a aparecer em uma fotografia estava absolutamente inconsciente de sua condição de “modelo”, e mesmo para o fotógrafo sua imagem deve ter sido uma surpresa. Daguerre se prepara para fotografar, do alto, um boulevard parisiense. Um homem para em uma esquina e decide engraxar os sapatos, sem saber que será a primeira vítima da objetiva. O pé apoiado na caixa do engraxate o mantém imóvel durante um tempo suficiente para que sua imagem seja registrada. No boulevard deserto ficou apenas a silhueta; ninguém sabe seu nome ou quem seja; até mesmo a data desta imagem é incerta. (1991, p.43)

Figura 6 – Primeira fotografia do homem. Boulevard du Temple, Paris, 1838 Mandé Daguerre



Fonte: [http://www.all-art.org/history658\\_photography13-2.html](http://www.all-art.org/history658_photography13-2.html)

Figura 7 - Primeira fotografia do homem. Mandé Daguerre (ampliada)



Fonte: [http://www.all-art.org/history658\\_photography13-2.html](http://www.all-art.org/history658_photography13-2.html)

Com toda inovação da câmera escura na fotografia, foram produzidos materiais mais sensíveis, o processo químico com vários estudos se tornou mais aprimorado, possibilitando assim ao homem passar a ser fotografado. Sendo possível então retratar o homem através da fotografia e com fácil acesso aos materiais, deram início aos estúdios fotográficos. Estes favoreciam também as pessoas de baixa renda, podendo assim mexer com o imaginário de cada um, até mesmo revelando através da foto um sonho que na realidade não se cumpriria, isso tudo através de cenários e diversos apetrechos. Foi através da criação dos estúdios fotográficos que surgiram os cartões de visitas, no qual a pessoa a ser fotografada teria uma lembrança de onde passou e poderia assim mostrar ou até mesmo se comunicar com outras pessoas, comprovando sua estadia no local, o que explica Borges:

Em 1854, o fotógrafo francês André Adolphe Eugène Disdéri (1819-1889) cria um aparelho que permitia a tomada de até oito clichês simultâneos, iguais ou diferentes, em uma única chapa. Estava inventando o chamado *cartão de visita*, um retrato de cerca de 9,5 x 6,0 cm, montado sobre um cartão rígido de 10 x 6,5 cm, aproximadamente. Essa inovação técnica baratearia sensivelmente o custo da fotografia. (2005, p. 50)

A fotografia em estúdio, por ter um custo mais acessível, passou a ser muito mais procurada, possibilitando que alguns fotógrafos investissem nas filiais em outras cidades, proporcionando novos empregos para fotógrafos que continuavam sendo ambulantes mesmo sendo contratados para trabalharem em seus estúdios.

[...] proprietário da Fotografia Alemã, Alberto Henschel (1827-1882), que se associa com outros fotógrafos e em 1897 inaugura um estúdio fotográfico em Recife e outro em Salvador. Três anos depois abre uma filial no Rio de Janeiro e, em 1882, outra em São Paulo. [...] Henschel e inúmeros

fotógrafos brasileiros se deslocavam pelo interior do país levando as novidades que iam surgindo nos grandes centros da Europa e dos Estados Unidos. (BORGES, 2005, p. 52)

Apesar de toda a facilidade e toda a evolução já alcançada na fotografia, faltava algo, apesar de pessoas já serem fotografadas, ainda era necessário, apesar de mais curto, certo tempo de exposição à luz. No entanto, a necessidade passou a ser de algo imediato, mais rápido, que conseguisse captar movimentos inesperados, a busca agora passou a ser do instantâneo. Depois de duas décadas conseguiram o tão esperado *clic* instantâneo, a captação rápida de movimentos que muitas vezes nem eram notados. Kubrusly (1991, p. 46), relata que “pouco a pouco as fotografias de ruas, pontes, praças e bulevares se encheram de gente”.

Nos dias atuais, com toda a tecnologia que temos, podemos ter acesso a captar todos os movimentos e tamanhos. Muitas vezes até o que não temos o poder de ver a olho nu, já pode ser observado por equipamentos de alta tecnologia.

Hoje meios mecânicos ou eletrônicos permitem registrar eventos com um tempo de exposição (tempo durante o qual o filme fica exposto à luz) de até um milionésimo de segundo, revelando aspectos surpreendentes do movimento, que o olho não pode perceber. Desvendar as etapas do movimento era fascinante. Começou-se a estudar como andam os homens, como voam os pássaros, ou como galopam os cavalos. Começou-se a descobrir que muitas coisas não eram exatamente como se pensava. (KUBRUSLY, 1991, p. 46-47)

Para facilitar o transporte e o uso da câmera fotográfica, mais conhecida como câmera escura, em 1888, a empresa de George Eastman, lançou a primeira câmera, na qual já era vendida carregada, pronta para uso, podendo efetuar 100 fotos. Qualquer pessoa poderia possuir uma câmera em casa, pois assim que terminasse o uso da mesma com o que já vinha carregado, era só levá-la ao fabricante, onde o mesmo revelaria as fotos. Kubrusly (1991, p. 94), afirma que, “o sonho secular de George Eastman – ‘Você aperta o botão, nós fazemos o resto’ – ganha uma nova dimensão. Agora, parece mais fácil do que nunca o atalho da fotografia para os que querem galgar um novo status social”.

No início do século XX, o tamanho e o peso das câmeras começaram a ser menores, pois passaram a utilizar filmes de 35 mm, nos quais foram desenvolvidos para uso do cinema. Já no ano de 1907 surgiram os primeiros resultados da fotografia colorida. Com essa nova tecnologia surgiram, em 1935, a *Kodachrome*, e em 1936, a *Alfacolor*. Logo após, lançaram o filme colorido para

reprodução de imagens no cinema, na qual foram adotados pelos próprios fotógrafos. Porém o marco que trouxe grande significado na revolução da fotografia, e está crescendo cada vez mais é a tecnologia digital.

Através da história da fotografia, podemos conhecer sua evolução. Qual a importância de estar lembrando fatos e acontecimentos da fotografia, na relação equivalente a busca de mostrar e saber através do retrato a identidade dos egressos do curso de Artes Visuais – Bacharelado.

Para melhor estar relacionando a fotografia com a identidade do curso, temos que buscar essa relação da fotografia com a arte, a ligação das duas, se andam lado a lado, e a influência que uma acaba colocando na outra. É o que estaremos acompanhando no próximo subcapítulo.

## **2.2 A fotografia na arte**

Pensar a fotografia como linguagem da arte é um desafio. Assim como a arte, a fotografia pode despertar nas pessoas sensações de angústia, medo, paixão, beleza, encanto. É um ato de representação, de registro, sendo mais prático e rápido, muitas vezes, do que a pintura.

Como já comentado, o surgimento da fotografia fez com que os artistas da época (pintores e escultores) tivessem certo receio sobre ela, surgindo questionamentos sobre a procura pela pintura, sendo que a fotografia seria mais rápida e com muito mais detalhes e traços definidos, por causa disso a revolta de não considerar a fotografia como arte, por medo de perder suas ostentações. Segundo Borges (2005, p. 44) “o fotógrafo - artista quer, fundamentalmente, exprimir uma tese corrente no mundo da pintura, na qual o retrato artístico mais que informar deveria representar”.

O retrato feito pela fotografia passou a ser concorrente da pintura, tanto nas expressões dos modelos, nas poses sugeridas pelo próprio fotógrafo, nos detalhes de claro e escuro, entre outros recursos evidenciados na fala de Borges.

A combinação do nu e/ou seminú com as dobras irregulares dos tecidos, somada ao jogo de claro/escuro, ressalta a expressão vaga e melancólica do olhar ao mesmo tempo em que mostra, esconde e sugere a sensualidade do corpo e o mistério da alma feminina. É assim que a fotografia ressalta os atributos femininos já consagrados pela literatura e



pela pintura e devidamente assentados no imaginário da época. (2005, p.45)

Por mostrar visivelmente mais clareza e detalhes na imagem, a fotografia passou a ser aliada da arte, pois alguns artistas acabavam utilizando a fotografia para assim criarem suas obras, podendo representar com mais expressão e mais realidade. Pablo Picasso, por exemplo, utilizava as fotografias para criar algo mais pictórico, fazendo o diferente, causando mais impacto. A fotografia, então provoca questões que alteram a própria função da arte.

A beleza de um ser não se resume a seu aspecto exterior e nem sempre a fotografia transcende esta superfície. Se a perfeição das formas e traços fisionômicos fossem os únicos critérios válidos de julgamento, deveríamos buscar nos concursos de “Miss Universo” o que de mais representativo existe de humanidade. (KUBRUSLY, 1991, p. 63).

A arte está sempre buscando tirar de cada espectador um sentimento diferente, sendo de angústia, beleza, estranheza. A fotografia na arte também tenta extrair de cada pessoa sentimentos diferentes, manifestações que jamais esperamos ter, ou ver através do outro. Desde 1975, a fotografia através de Irving Penn, considerado um dos maiores fotógrafos da época, buscava assim como a arte certa manifestação, expor inquietações tentando mexer com a questão do pensar do homem. Como revela Kubrusly (1991), Penn era inimigo do tabagismo, onde através de suas imagens, tentou fazer com que as pessoas refletissem sobre o que estavam fazendo, se estar utilizando o tabaco teria uma vida igual as que eram expostas pelos fabricantes.

Para realizar suas obras, Penn recolhia pontas de cigarro, as quais possuíam marcas de batom, e conforme o tempo de exposição na rua estavam sujas, amassadas, pisadas, quase destruídas. Levava cuidadosamente para seu ateliê, seu estúdio e ali buscava retratar a que fim levaria a utilização do tabaco, mostrava a composição que estava na contaminação de cada um, segundo Kubrusly:

[...] eram levadas com cuidado para o estúdio, para que não se perdesse nem o eventual fio de cabelo nem os grãos de poeira a elas grudados. [...] As imagens muito ampliadas, já no imenso negativo, mostravam com irritante minúcia cada farelinho daquela porcaria, sem esquecer, junto ao filtro, os símbolos e marcas dos fabricantes. Perfeição absoluta: é possível contar cada grão de pó. Imagens exuberantes, ricas, belíssimas! (1991, p.76)

Pode-se dizer que suas imagens causaram algum efeito, fizeram muitos refletirem sobre o que estavam fazendo, ou como estava a realidade, mas provavelmente também fez com que alguns os repudiassem, principalmente os fabricantes dos cigarros, onde na qual seu produto estava sendo motivo de manifestação, de reflexão.

A melhor imagem, aquela que transmite com mais eficiência uma idéia, uma emoção ou o conteúdo de um tema, não é, necessariamente, a que contém o máximo de informações verbalizável. Nem sempre é aquela que reproduz com mais fidelidade o assunto ou mostra com muita clareza o maior numero possível de aspectos. Muitas vezes o que torna uma imagem forte, pujante ou arrebatadora, são elementos independentes do tema, contidos na forma de tratar a imagem. (KUBRUSLY 1991, p.78)

Para ter como registro de tais manifestações, das diferenças e do estilo de cada escola de fotografia, ocorreu então no ano de 1982 uma exposição em São Paulo, reunindo 15 jovens fotógrafos-artistas, momento em que expuseram seus trabalhos, foram 15 obras diferentes, uma de cada fotógrafo, que representavam culturas e ensinamentos diferentes.

Diz-se que a arte é um reflexo do tempo e da cultura que a produziram. A vitalidade caótica do conjunto de obras daqueles jovens mostrava mais que um aspecto regional da cultura ibérica traduzia as profundas transformações vividas pela humanidade nas ultimas décadas, a evolução de um pensamento que se disseminou com a rapidez dos novos meios de comunicação, propondo o rompimento com todos os vínculos e compromissos sociais, a derrubada de todos os preconceitos e tabus e a inevitável revisão do papel da arte e do artista na sociedade. (KUBRUSLY 1991, p.93)

A fotografia, assim como a arte, foi modificando, manifestando-se definitivamente na arte contemporânea, onde a arte se utiliza a linguagem da fotografia. Citamos a arte de Duchamp utilizando a fotografia, conforme Dubois (2003) não é uma imagem “disfarçada”, simplesmente é o registro, a impressão da presença, significa esse mostrar de algo que não esta mais no lugar, ou não existe mais, existiu por um momento, uma inspiração.

Figura 8 - *With my tongue in my cheek*, 1959.

Marcel Duchamp.



Fonte: [www.toutfait.com](http://www.toutfait.com)

Na obra acima (figura 8), podemos ver a importância da fotografia na produção artística de Duchamp, citado por Dubois (2003), como Duchamp não era fotógrafo, sempre que necessário usufruía dos talentos de seu amigo Man Ray. Assim quase toda obra de Duchamp pode ser considerada conceitualmente fotográfica, pois era essencial a fotografia para fazer o registro de suas intervenções.

[...] a foto veio libertar a pintura de seus vínculos da representação “icônica” a essa outra idéia, mais paradoxal e nova, segundo a qual a arte virá a partir de então extrair, das condições epistêmicas da fotografia, possibilidades singulares de renovação de seus processos criativos e de suas apostas estéticas principais. (DUBOIS, 2003, p. 258)

Ao surgimento da arte contemporânea, a fotografia passou a ser um dos elementos principais, enquanto registro, principalmente, pois era uma arte às vezes de momento, onde se não fosse a fotografia acabaria sendo esquecida, pois não teria assim um registro como na pintura, escultura, entre outras.

Nessa nova era de investigação da fotografia na arte, surgiu também a fotografia aérea, na qual alguns artistas como Lissitsky e Malévitch, acabaram se interessando, pelo fato de fotografar de aviões uma nova visão da natureza, do real,

pois as imagens ficavam com formas, por estarem sendo registradas de um ângulo diferente do ângulo costumeiro.

[...] exibindo paisagens terrestre “transformadas”, mal identificadas – sem horizonte, nem profundidade, sem buracos, nem saliências, achatadas, geometrizadas, “abstratizadas”, metamorfoseadas em texturas, em configurações cromáticas ou formais, em jogos de formas “a serem interpretados”. (DUBOIS, 2003, p. 261)

A fotografia aérea tornou-se interessante pelo fato dessa abstração, dessa nova maneira de olhar diferente, para o que era fotografado geralmente como víamos. Com base nesse novo olhar, nessa nova forma, é que a arte abstrata na contemporaneidade passa a se inspirar em tais imagens, pois são imagens nas quais não existe um ponto de referência fixo, não existe início e fim. Citando como exemplo, podemos falar de Jackson Pollock, em suas telas de *drip* (gotejamento), não que ele utilizasse imagens semelhantes a da fotografia aérea, mas buscava trabalhar com essa leveza, sem essa intervenção de ter um início e um fim na obra, conforme revela Dubois:

[...] de pé, vertical, caminhando sobre sua grande tela deitada no chão, como se estivesse se deslocando no mapa do mundo, indo e vindo, instável, flutuando, quase dançando, deixando a pintura escorrer de seu bastão sem que este toque a superfície, traçando cegamente as marcas de sua passagem. Sobrevoa a tela, quase não se afastando de seu retângulo, sem consciência clara de estar diante de um quadro, mas apenas de um território, onde erra infinitamente, girando, sem ponto de referência fixo, quase cego, como um avião na neblina. Como notou judiciosamente Rosalind Krauss, no instante em que pinta, a relação de Pollock com seu suporte de inscrição é justamente aquela que fundamenta a fotografia aérea: flutuação do ponto de vista, perda de qualquer quadro de referência preestabelecida (as ortogonais), deslocamentos multidirecionais, sentimento físico de liberdade, indecifrabilidade aparente do “solo”, transformando em estrutura formal abstrata, superfície com manchas, esteiras multicores e multiformes que são tantos traços de uma passagem, de um movimento, de um gesto, de um corpo em ação. (2003, p. 266)

Fotografar apenas representações da natureza e do homem, já não estava mais com tanto enfoque, pois a foto também pode mexer com nossa imaginação, nos fazer decolar, imaginar um mundo inexistente. Remeter-nos a criarmos novas formas, novos conceitos.

Surgiu na sequência o dadaísmo e o surrealismo, que usavam o imaginário, coisas que existiam, mas eram transmitidas de forma irreal, distorcidas.

Utilizavam também da mistura de técnicas e de materiais, como raspagem, decalcomanias, colagem, montagem. Foi dado início a fotomontagem, na utilização da manipulação da imagem, do recorte, da mistura da foto com outros materiais para a composição da obra. Conforme Dubois (2003) coloca em seu texto, a fotomontagem é a atualização mais evidente deste novo passo na era da arte e fotografia, desempenhando um papel muito importante nesta lógica de misturas de materiais, colagem e de signos. Foi com essa nova forma de misturar a arte que a Pop Art surgiu.

Com essa forma de fazer a montagem da foto, os artistas fotógrafos tinham a possibilidade de controlar cada parte, como cor, sombra, brilho, e também eliminando o que não os agradava. Tinham a possibilidade então de unir acontecimentos realizados em momentos ou lugares diferentes. Sendo assim, tornou-se mais difícil saber o que era real do que não era, onde acaba fugindo de um dos pontos principais da fotografia, que era manter a natureza como ela é, sem alterá-la.

Se, por um lado, toda esta flexibilidade proporcionava ao fotógrafo uma liberdade de criação muito maior, por outro, ficava muito mais fácil falsear a natureza. A fotomontagem se tornava uma ameaça a um dos aspectos mais característicos da fotografia: seu conteúdo intrínseco de documento, a consciência universal e inevitável de que é preciso ter existido a cena diante da câmera, para que a imagem possa existir. (KUBRUSLY, 1991, p.98)

A fotografia começa a imitar a própria fotografia, ou seja, utiliza a imagem fotografada para criar montagens, que acabam se confundindo com uma cena existente, ou que aos olhos de quem a vê parece ser o registro natural da imagem. Essa montagem acabava muitas vezes sendo confundida com a pintura, pelo fato da composição das cenas criar, compor e transformar algo que no momento estava diferente. No início, era percebido algo de diferente, algo estranho, o ângulo, a perspectiva, pois a imagem acabava ficando com vários ângulos, ou seja, por ser uma montagem, cada uma das partes tinha sua originalidade. Produzidas em momentos diferentes, quem as via percebia que algo de errado tinha na imagem, mas como era tão perfeita a colocação, acabavam não questionando o que realmente ocorrera.

Um dos artistas dessa nova forma de olhar e montar a fotografia, conforme Kubrusly (1991, p. 94) mostra, foi o pintor e fotógrafo Oscar Rejlander,

com a obra *The two ways of life* (Os dois modos de vida), a qual foi considerada uma das obras mais exóticas de todos os tempos, tendo em sua composição mais de trinta diferentes negativos, combinados como um quebra-cabeça.

Figura 9 - *The two ways of life*, 1857. Oscar Rejlander



Fonte: [www.rleggat.com](http://www.rleggat.com)

Sua obra foi exposta em Manchester, na exposição *Art Treasures*. Suas dimensões eram 40 x 90 cm. Rejlander acreditava que produzindo essas composições, juntando as imagens como um mosaico, com temas simbólicos e representados na pintura, conseguiria um lugar de destaque para a fotografia nas Belas Artes, conforme Kubrusly (1991).

A fotomontagem, na visão de Rejlander, deveria seguir seu conceito original, assim como na pintura, apesar de montagens, deveriam seguir o padrão da natureza, não ocorrer nenhuma transformação em sua essência, apenas montar as partes, produzindo uma foto. Rejlander advertia que:

O fotógrafo não deve permitir que sua criatividade o leve a representar, por nenhum tipo de truque, qualquer cena que não exista na natureza; se fizer, esta violentando sua arte, pois é sabido que o resultado final representa um objeto ou seres que existiram, por um espaço de tempo, diante da sua câmara. (apud KUBRUSLY, 1991, p.97)

Através dessas montagens tinha-se a idéia de truque, como até hoje nos remete a idéia de que atrás de um bom fotógrafo sempre há inúmeros truques, algo não original, uma manipulação, uma montagem. Com essa idéia de truque, muitas escolas, para chamar o público, chamar alunos, prometiam em seus anúncios de divulgação revelar esses segredos da fotografia.

Em todo esse processo ainda surge a dúvida, a inquietação, fotografia é ou não arte? Quem buscou revelar essa inquietação através de estudos, foi o

médico Peter Henry Emerson, o qual dizia que a representação da natureza não era algo nítido por completo aos olhos do homem, pois o olhar humano não possui a capacitação de ver todos os pontos com nitidez, e sim com vagos sombreamentos. Segundo Kubrusly (1991, p. 104) “para ele, uma foto totalmente nítida não poderia representar corretamente a forma como vemos o mundo. [...] a visão humana só é nítida no ponto de fixação, correspondente a uma pequena área central da retina”.

Sendo assim, inicia um novo estudo, ou seja, tentar focar apenas um objeto principal, deixando o restante desfocado. Um dos movimentos artísticos que inicia essa transformação da natureza foi o impressionismo, que acabava desfocando o real, por ora a fotografia buscava fazer o mesmo, buscava imitar essa desconstrução, mas sem observar que o que levou a pintura a ter essa nova forma de expressão foi a própria inovação da fotografia.

Na luta na busca de ser ou não arte, a fotografia sofria por transformações, tinha que ter um diferencial. Assim como a pintura, a gravura e a escultura. Como cita Kubrusly (1991, p. 114), a fotografia sempre foi um dos meios a disposição dos artistas. Na qual estaria sendo transmitida a arte através desses meios, a fotografia faz-se uma das linguagens da arte.

Logo após surge a fotografia pictórica, a qual era considerada tão acadêmica quanto a pintura. Através de suas características semelhantes à pintura, como efeitos decorativos, tons sombrios, texturas granuladas, as quais, impressas sobre tecidos, acabavam muitas vezes tendo dificuldades em distinguir uma da outra.

Podemos observar que algumas das criações feitas pela fotografia acabam derivando da pintura contemporânea. Peter Galassi (1981) explica esse fato, dizendo que:

A fotografia nasce num ambiente artístico que valoriza cada vez mais o mundano, o fragmentário, o aparentemente não composto, que encontra nas qualidades contingentes da percepção um padrão de autenticidade artística e moral. Uma vez que esses elementos já estavam presentes no paisagismo do início do século XIX, o que importa determinar é o modo pelo qual a sintaxe fotográfica, mesmo com todas as suas deficiências iniciais e, talvez por causa delas, consegue colocar em crise os valores tradicionais da pintura e adquirir um aspecto original. (apud FABRIS, 2008, p. 196)

A fotografia se destaca como já vimos, por seu detalhamento, no qual mostra traços que não eram percebidos e demonstrados através da pintura, é um

processo mais rápido, que define realmente o real no instante. Sendo que transmite a perfeição do que se vê, mostra exatamente o que é, com a riqueza dos detalhes.

Observamos que essa luta, na qual muitos artistas querem mostrar que fotografia não é arte, Kubrusly (1991, p. 21) cita que "Paul Delaroche, o pintor, viu na fotografia uma ameaça à sobrevivência da pintura e dos pintores", pelo fato de não ter o contato direto com a obra propriamente dita, ao contrário da pintura, por exemplo, que o artista tem todo um contato, uma intimidade com a obra, nos mostra, através de técnicas e detalhamentos, o quanto uma está lado a lado com a outra. Essa definição de fotografia ser arte ou não, será sempre algo de questionamento, pois remetem praticamente semelhanças, como a incerteza de saber se é foto ou pintura, na qual através da tecnologia é muito mais fácil transformar toda uma fotografia.

Nem todo fotógrafo é considerado artista, pois seria muito fácil fotografar qualquer objeto, ou cena e dizer que é arte, ele tem que ter um diferencial, um olhar diferente dos demais, uma técnica que se sobressaia. Para referenciar esta inquietação nada melhor do que a citação de Fabris, que diz:

O artista fotógrafo [...], se distinguia de um profissional qualquer pela "escolha da situação", pelo "uso racional da luz e da sombra", pela perspectiva, pela harmonia, pelo equilíbrio, pela unidade, no caso das paisagens; pela pose, pelo fundo, pelos detalhes. (2008, p.23)

No entanto, a fotografia sempre vai estar lado a lado com a arte contemporânea, por aparecer como forma de registro, ou até mesmo em forma de distorção, de composição de uma obra de arte e, é tão por isso que envolve um fazer artístico contemplando uma produção a partir da linguagem da fotografia, na perspectiva de uma obra contemporânea.

A imagem registrada acaba tendo seu próprio significado, através de traços, de sua composição se pode fazer uma leitura dessa imagem, de seus significados. Cada espectador passa a fazer sua própria leitura, passa a dar um significado. A palavra pode entrar em cena enquanto imagem nas mãos do artista que busca fazer uso dos recursos que lhes são oferecidos.



## 2.3 A imagem da palavra

A imagem existe há muito mais tempo do que a palavra (escrita). Desde a Pré-história, a imagem passa a ser uma forma de transmitir acontecimentos, fatos da realidade do homem. É através delas que a história se construiu, e estudiosos puderam então relatar fatos passados.

[...] todo o acervo da humanidade na forma de arte sacra teve e ainda tem a massa como fruidora. Em períodos históricos, nos quais a maioria da população não tinha a compreensão do texto escrito, era o código visual que cumpria o papel de disseminador dos conteúdos bíblicos. (OLIVEIRA, 2006, p.58)

Vivemos cercados de imagens, convivemos com elas durante nosso dia-a-dia. Mesmo quando estamos dormindo, nossa mente produz imagens, podemos citar este fato através dos sonhos. Gruszynski (2007, p. 9) cita que “a imagem não é apenas parte da vida cotidiana, mas é ela própria”.

Pode-se dizer que a imagem está se manifestando mais que a escrita, do que a palavra em si. Estamos vivendo uma era onde a comunicação gráfica está em todas as partes.

A interpretação tanto da imagem, como de textos, é dependente de cada leitor, observador, crítico. Nem sempre o que o autor, o artista pensa em transmitir com a obra é o que realmente se transmite. Gruszynski afirma que:

A leitura passa a ser compreendida, assim como um ato de produção de sentido, onde uma mensagem, representada sob forma gráfica anteriormente codificada por um interlocutor ausente, pode ter sua significação construída a partir do ato de um leitor que destaca e recolhe do escrito índices e informações. (2007, p. 125)

Para se ter um entendimento melhor, e conseguir interpretar uma imagem, é necessário separar cada traço, cada ponto que os olhos conseguem captar. Segundo Oliveira (2006, p. 49) “é necessário vasculhar o texto, inicialmente tentando definir a linha ou as linhas que determinam a macroestrutura da imagem visual”.

Primeiramente, se vê a imagem como um todo, e então se inicia sua quebra, ou seja, começa-se a separar informações necessárias através do que se pode ver, para assim iniciar sua leitura. Observa-se então os elementos que a

formam, como linhas, pontos, formas, cores, dimensões, texturas, tudo que a compõe. É necessário observar a imagem como se fosse um texto verbal, onde esses elementos que a compõe seriam as palavras, nas quais entendemos pelo fato de sua organização. Assim como na escrita, nem toda leitura de imagem tem uma sequência definida, e os elementos que a compõem se articulam entre si, como se estivessem formando uma teia, imagem é texto, palavra é imagem.

O criador de cada imagem tenta transmitir o que vivencia, coloca, assim como na pintura, entre outros, seus sentimentos e vontades, sua vivência no mundo. Para Oliveira (2006, p. 52) “a imagem mostra a sua visão de mundo, suas relações com o seu contexto, além da sua capacidade de manipulação do código ao qual pertence a imagem”.

A partir do momento em que a imagem é criada, ela passa a falar por si, sem se importar mais com o que quer transmitir quem a criou, ela passa a ser entendida de acordo com o olhar do espectador.

Uma obra de arte quando é abstrata, tem um nível de dificuldade maior de ser interpretada do que uma imagem que já existe na natureza. Segundo Oliveira (2006, p. 63) “quanto mais uma imagem é parecida com as coisas do mundo em torno de nós, mais se consegue entendê-las”.

Toda imagem existente pode ser interpretada, tem algum significado, pois são consideradas textos. Podemos citar argolas (brinco), as quais tem o significado de elo, aro, conforme nos mostra Oliveira (2006, p.92) “argolas também são elos, que indicam ligação, união”. A imagem tem um significado. A semiótica preocupa-se com esse significado. Para Oliveira (2006, p. 38) “semiótica é derivada do grego *semeion*, que significa *signo*. E signo significa tudo aquilo ou todo aquele que significa”.

É esse estudo do que cada objeto, cor, traço, pode significar para quem o vê, para quem o interpreta. Cada cor remete alguma coisa, em qual fator ela pode buscar no espectador a lembrança de algo, essa busca da comparação, do que cada peça da obra pode significar, inclui aqui a palavra. Nem tudo o que o artista quer transmitir, tem o mesmo significado para o espectador, pois as vivências e experiências de cada um passam a ser diferentes, pois são seres, histórias e lembranças diferentes.

### 3 FORMA – ARTE E ARTISTA

A arte é uma produção de significados que envolvem tanto a leveza, o sentimento do homem, quanto sua capacidade de criar, de se manifestar diante da sociedade. Ela proporciona continuidade e transformação. Podemos dizer que a arte é uma manifestação da experiência de uma realidade.

Na criação da arte, a ilusão é um dos parâmetros que transforma a arte da realidade em uma arte imaginária, ela enriquece os sentidos e significados da arte. Estar na presença da arte é algo necessário para todo ser humano, pois ela está integrada em todo campo de aprendizado: no que vemos, tocamos e na sensibilidade do próprio ser. A arte abre portas, portas da criatividade, da busca, da iniciativa do novo, do diferente.

Ao contrário da ciência e da filosofia, que buscam explicações para as coisas que existem; tentam explicar o mundo, a arte nos dá a chance de conviver com o inexplicável, com o diferente, transformando tudo o que muitos consideram ou possam considerar estranho, em fascínio. Segundo Coli (2006, p. 8), pode-se dizer que “arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo”.

A arte muda constantemente, a cada evolução; novos conceitos são dados a arte. Na visão de Coli (2006, p.11), “o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai”.

Para Costa (2002, p.108) “a arte proporciona a expressão de sentidos compartilháveis, de um patrimônio coletivo cheio de reminiscências, sigilos e revelações”. Assim como a história, a arte nos remete lembranças, nos mostra algo novo, uma forma diferente de ver o mundo, com mais sensibilidade. Quanto maior o contato com a arte, maior é a nossa capacidade de uma leitura mais sensível do mundo e de seus significados. Em cada momento da história que passa, e a cada ano que vem, a arte tem manifestações diferentes, transmite uma nova forma de olhar, um novo significado. “É fonte inesgotável de interpretação e sentido. Por mais que nos detenhamos em sua observação, decifração e entendimento, mais nos confrontaremos com novas aparências e significações” (COSTA, 2002, p. 109).

A arte está sempre em transformação, em busca do diferente, do inovador, da ousadia, podendo falar assim da arte contemporânea, que passa a

manifestar a vivência, a realidade. Busca fazer com que o espectador passe a se manifestar diferente, a ter reações diferenciadas, como de beleza, estranhamento, tensão, espanto. Busca tocar e mexer com os sentimentos de quem a observa, ou participa. Com o evoluir da história, técnicas referentes a arte foram sendo criadas, transformadas, inovadas.

Sendo a arte manifestação da vivência do artista, este artista passa a estudar, a ter uma formação na arte, de técnicas, movimentos, a cada movimento uma transformação. A arte passa a ser reconhecida como modo de ensino e de formação.

Diferentemente das ciências exatas que se apóiam em apenas alguns métodos específicos, em artes visuais cada artista busca, de uma maneira própria, meios que leve a cabo a materialização ou concretização de suas idéias, havendo portanto, uma dispersão na personalidade e intencionalidade artística. (WANNER apud ROCHA, 2007, p. 52)

Para o artista, na perspectiva de sua formação acadêmica, a pesquisa é fundamental. A arte através de pesquisas sustenta a obra, tanto na produção quanto na apreciação. São pesquisas que envolvem de certa forma uma inquietação, e é por essa inquietação que o artista busca informações, e tenta transmitir sua identidade através da construção de sua própria poética.

Com o tempo, as coisas evoluem, se modificam, se renovam. A arte contemporânea, assim como as descobertas da ciência, causam inquietação, curiosidade. É através dessas curiosidades que se iniciam as pesquisas, todo trabalho de experimentação, de referenciar, alimentando a necessidade de ampliação de repertório constante, ampliando experiências.

Se tanto na ciência como na arte contemporânea a desconstrução de conceitos estabilizados colaboram para o surgimento de uma nova idéia de realidade social, esta realidade só vai ser entendida através da experiência humana no seu percurso vital. E se a idéia de que a criação é uma resposta do indivíduo em seu encontro com seu próprio mundo interior e exterior, trabalhar com a poética individual abordando alguns aspectos do método autobiográfico pode ser um trabalho com resultados surpreendentes. (WANNER, 2007, p. 53)

É através dessas pesquisas (papel da academia), que o artista passa no toque da obra e em todo desenvolvimento, sua identidade, toda sua vivência, identidade, sua entrega, sua construção. Segundo Wanner (2007, p. 54) “identidade,

entre vários significados, é a denominação dada às representações que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio, a partir do conjunto de suas experiências e vivências”.

O artista passou a observar técnicas, estudar a respeito e, é sobre essa formação, que trata do desenvolvimento do artista, a formação para a produção da obra de arte, que proponho a reflexão a seguir.

### **3.1 A formação do artista**

O artista até ser reconhecido como realmente um “artista”, passou por um processo muito grande, pois seu local de trabalho era praticamente o mesmo que de um artesão, não sendo então valorizado. Platão dizia que o artista não passava de um mero imitador. Reproduzia apenas o que existia, não tinha um estilo próprio.

Após a luta para o reconhecimento, o artista passou a ser mantido pela realeza, para desenvolver a arte na decoração dos palácios e de toda a corte. Sendo assim, reconhecido como artista.

O artista era estimulado à criação inovadora, à expressão individual e à produção de obras originais, capazes não só de distingui-lo como de notabilizar seu cliente ou mecenas. [...] o artista passa também a se distinguir do operário industrial que trabalhava com máquinas, em grandes equipes, produzindo em série e para um grande público. Em oposição a essa produção, a arte devia exibir a maestria de quem a fazia, devia evidenciar o caráter único das obras que resultavam da técnica apurada do artista. (COSTA, 2002, p. 36)

O artista só é artista quando sua obra, desde o desenvolvimento, até seu término, é original, sua própria criação, seu toque individual, uma é diferente da outra, com conceitos, sentimentos e expressões diferenciados. Com essas mudanças, cada artista com seu estilo diferente, surgem então as academias de arte, onde passaram a construir conceitos, técnicas, a concepção da estética, do que pode ser considerado belo, filosofia. Essa forma de poder ver mais além, imaginar, viajar e a trajetória da história, da evolução de todos os acontecimentos. (COSTA, 2002)

O artista, apesar de criar, tinha que produzir apenas o que os nobres queriam ou gostavam, não podiam expressar realmente seus sentimentos, suas manifestações. Com o desenvolvimento industrial no século XVII, como consta em

Costa (2002) os artistas passaram a ser então “patrocinados”, eram pagos por empresários, podendo assim produzir suas obras livremente, não precisavam mais seguir apenas o que a burguesia exigia, entretanto, apesar de não poderem mostrar totalmente seu lado artístico, isso já estava mais próximo. Surge então a vanguarda artística, formada por vários artistas que buscavam uma nova linguagem, novas técnicas, temas, buscavam inovação.

A arte se manifesta e está presente através de várias linguagens, das ações, transformações, diferenciações, *performance*, no que vimos no decorrer de nossos trajetos, praticamente estamos cercados por manifestações artísticas.

[...] ninguém consegue viver sem arte, sem criar um universo de imagens e símbolos capaz de expressar seu mundo interior. A arte está presente nos mais diversos aspectos da vida e nas atividades mais cotidianas, nas quais estamos sempre buscando algum tipo de beleza. (COSTA, 2002, p. 50)

Como vivemos num mundo repleto de arte, onde nos envolvemos com ela, codificando então que a arte é uma busca de demonstrar certa beleza, passamos a observar que de alguma forma no decorrer de nossas vidas, já nos deparamos com ela.

Analisando isso, passamos a nos questionar então: já que todos podem ter sensibilidade para a arte, porque não somos todos artistas? Por que normalmente, são artistas apenas as pessoas que têm alguma formação ou estudo de técnicas? São considerados artistas, pessoas que de alguma forma tem um conhecimento maior sobre técnicas, buscam estudos e uma constante inovação, vivem no meio de atualizações, pois é exigido de si comprometimento, método, estudos, que nem sempre é a academia, pois temos artistas autodidatas.

O artista não se torna um artista apenas porque tem inspiração, ou porque leva jeito para coisa, para Pablo Picasso (apud COSTA, 2002, P. 51) “a arte resulta de 10% de inspiração e 90% de transpiração”, este então passa a ser o diferencial do artista.

Para qualquer área, qualquer profissão que queiramos seguir, temos que ter um aperfeiçoamento, seguir regras, estudar. Temos que ser criticados ou elogiados, para assim termos certa divulgação dentro do mercado, se realmente somos ou não capazes de estar produzindo ou exercendo algo. É através dessas críticas, ou da aceitação, que nosso trabalho passa a ser divulgado e procurado,

sendo assim muitas vezes “patrocinado” por pessoas que acreditam no crescimento e desenvolvimento do trabalho, acreditam no reconhecimento perante todos.

Para entrar neste mercado e se tornar conhecido, o artista tem que ter um diferencial, se destacar, assim como Costa (2002, p. 52) afirma, “é preciso diferenciar a capacidade inata que temos para a criação e apreciação artística, ou seja, nosso talento para alguma forma de expressão artística”, com isso deixam de ser considerados amadores e passam a ser reconhecidos como artistas.

Partindo do princípio de que arte é conhecimento, podemos então dizer que formamos artistas, que apesar de muitas vezes a pessoa já possui talento, para assim formá-lo em artista tem que ter de certa forma uma dedicação maior, um investimento, se aperfeiçoar, através de estudos, conceitos, novas técnicas.

Mas além dos artistas formados, como já foi citado, com especialização, também são considerados como artistas os autodidatas ou artistas ingênuos, que segundo Costa (2002, p. 53) é aquele que “sem ter tido escolaridade artística ou acesso aos círculos dos artistas profissionais, e utilizando técnicas tradicionais, profissionalizou-se”. Citando assim, como exemplo desse artista diferenciado, o brasileiro Chico da Silva. Sua pintura é bem colorida, usando técnicas e materiais artesanais, que identificam bem o folclore brasileiro.

Eram também conhecidos por ingênuos, pelo fato de poder se dedicar a arte apenas nos finais de semana, ou quando lhes sobrava algum tempo, pois muitos para ter seu sustento trabalhavam em lavouras ou outros seguimentos relacionados à agricultura ou pecuária.

Além de formados, alguns artistas acabam sendo descobertos, mesmos sendo autodidatas e artistas de “final de semana”, destas, algumas pessoas com deficiências mentais acabaram sendo considerados também artistas, o que é chamada de *arte do inconsciente*. Esses novos artistas surgiram pelo fato de alguns especialistas na área da saúde, encontrarem através da arte, uma forma de terapia, na qual “acreditava-se que se expressando através de imagens e cores os doentes mentais aliviariam suas tensões, além de permitirem a livre manifestação do seu inconsciente, auxiliando o diagnóstico médico” (COSTA, 2002, p. 55).

Segundo a autora, através dessas atividades, para facilitar o diagnóstico médico, acabou observando-se que muitas dessas produções possuíam qualidades que eram encontradas em obras de arte, apesar de não terem a intenção de estar

produzindo uma obra de arte, sendo algo impensado, sendo considerada *arte incomum*.

Arte incomum foi o nome dado a esta produção artística, realizada por artistas doentes mentais que desenvolveram estilos próprios, entre o popular e o erudito. Uma arte sem intenção propriamente estética, mas que alcançou reconhecido padrão de qualidade. A renovação que essa arte produzia vinha ao encontro do modernismo em sua proposta de romper com os padrões clássicos. (COSTA, 2002, p. 55)

Podemos citar o artista plástico Arthur Bispo, como artista *incomum* ou *inconsciente*, reconhecido no Brasil e também no exterior. Bispo representava o mundo que via através da janela da clínica onde estava internado, transmitindo suas impressões.

Inúmeros são os artistas, alguns com formação técnica, outros que não tinham intenção na sua produção. Porém, não importa a classificação do artista, o que dá valor a obra e o que define o reconhecimento do artista, é a avaliação que se faz da obra por pessoas e instituições, ou discursos especializados, nomeadas para este trabalho. Para Coli (2006, p. 38), "o crítico [de arte] analisa as obras, e sua função é eminentemente seletiva. De certo modo, é o juiz que valoriza ou desvaloriza o objeto artístico".

Sobre o curso de Artes Visuais – Bacharelado – Unesc, na cidade de Criciúma/SC, foco dessa investigação, parto da compreensão de que esse é um dos espaços, que entre outros objetivos, traz manifestações artísticas, busca expor estudos artísticos, obras através de conceitos, estudos na perspectiva de preparar o sujeito para apreciar e produzir arte. Como se desenha esse Curso?

### **3.2 Curso de Artes Visuais – Bacharelado – UNESC**

Para compreender um pouco mais sobre o curso de Artes Visuais - Bacharelado, busquei em alguns documentos do próprio curso, somando às referências do Trabalho de Conclusão de Curso de um egresso de artes Visuais Licenciatura<sup>7</sup> que traz um breve relato de toda a história do desenvolvimento do curso.

---

<sup>7</sup> TOLDO, Rafael. **O ensino da arte (re) significado no curso de Artes Visuais:** reflexões a partir da produção artística dos alunos. 2010.



A história do curso teve início na década de 70, na cidade de Criciúma/SC. Com o crescimento da cidade, na exploração do carvão e na industrialização, surge a necessidade de formar profissionais na região, assim, foi fundada a Fundação educacional de Criciúma (FUCRI), instituição que depois se transforma em universidade. Com todo esse crescimento na região, torna-se necessário a formação de educadores. Os cursos disponibilizados foram: Pedagogia, Ciências Biológicas, Matemática e Desenho e Plástica. Segundo Toldo (2010), a formação em Artes já estava sendo importante no campo de crescimento econômico da região.

Com o crescimento da indústria cerâmica na cidade de Criciúma e região, o curso de Desenho e Plástica, trabalhava a formação de profissionais para estarem atuando nesses setores, na qual circulava a maior parte da economia da região. Podemos observar que antes de formar educadores nas artes, buscaram formar profissionais capazes de criar, desenvolver trabalhos relacionados a criação de cerâmica, entre outros.

O curso de Desenho e Plástica teve suas instalações, inicialmente no colégio Madre Tereza Michel e posteriormente (1971 a 1973) funcionou nas dependências da SATC, até que em 1974 teve suas instalações transferidas para suas próprias dependências, na FUCRI, atual Campus Universitário, localizado no bairro Universitário em Criciúma, Sul de Santa Catarina. (TOLDO, 2010, p. 14)

O curso de Desenho e Plástica era voltado ao setor econômico da região. A matriz curricular contemplava disciplinas técnicas, como o Desenho Industrial, Escultura, Pintura, Cerâmica, Gravura, Desenho Artístico e Desenho Técnico. No intuito de formar também, profissionais habilitados para atuar no campo da educação, no ano de 1975, foram incluídas disciplinas voltadas para a Licenciatura.

Em 1980, o curso passou por modificações, se voltando totalmente para o ensino da arte, com foco na educação (Licenciatura), transformando-se então em Educação Artística, com habilitação nas Artes Plásticas. No dia 17 de junho de 1997, a antiga FUCRI passa a ser chamada Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, na qual é conhecida até os dias atuais.

No seu desenvolvimento, o curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, já não supria mais as necessidades da região. Em função disso, começaram vários estudos e reflexões a respeito; foi, então, realizada por

professores do curso, empresas da região, principalmente do ramo cerâmico, e com a comunidade em geral, uma nova modificação, se tornando no ano de 1999, curso de Artes Visuais, dividido em licenciatura e bacharelado, conforme consta no Projeto político pedagógico (PPP) do curso:

O curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura foi criado em 1999, com o intuito de suprir às necessidades da região, introduzindo um novo enfoque com disciplinas como design cerâmico, fotografia publicitária, computação gráfica, entre outras. Foram consideradas para esta reformulação, além das necessidades de formar professores, também as necessidades empresariais. (2003, p.3)

O curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura, foi aberto ao público com a nova matriz no ano de 2000, com seu o primeiro vestibular, que seria realizado anualmente para cada um dos cursos. Foram abertas cinquenta vagas anuais, sua duração seria de quatro anos, porém o acadêmico participaria das disciplinas até o terceiro ano em conjunto, podendo então decidir no quarto ano se seria licenciado ou bacharel.

Assim como todas as instituições catarinenses buscavam por melhorias e sempre aperfeiçoar seus cursos, desenvolvendo atividades mais concretas e que encaminhassem melhor o acadêmico para o mercado de trabalho, o curso de Artes Visuais também estava buscando novas oportunidades, reorganizando as ementas para assim atuar com positividade no meio da educação e na economia regional. Ocorrendo posteriormente o desmembramento do curso de Artes Visuais, para Artes Visuais - Bacharelado e Artes Visuais - Licenciatura. Foram abertas cinquenta vagas semestrais, onde uma ocorreria no início do ano (Licenciatura) e a outra no meio do ano (Bacharelado), com a duração de quatros anos cada.

Em 2005 o curso de Artes Visuais – Bacharelado iniciou sua trajetória sozinho, seguindo seu próprio caminho, buscando formar profissionais com habilidades para a pesquisa, a crítica das Artes Visuais, e para a produção, segundo consta no PPP do curso. Busca assim ajudar na formação do jovem artista, onde cada um possa ter sua própria produção, promovendo a inclusão na rede artística e sócio-cultural.

Ao se desmembrar, o curso passou a defender um perfil próprio, estipulando que o acadêmico formado no curso de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC, conforme consta no PPP (2009) do curso, teria de ser capaz de:

- Desenvolver o pensamento visual criativo para atuar no amplo mercado das Artes Visuais<sup>8</sup>;
- Ter sensibilidade e preparação para aproveitar as oportunidades, contribuindo desta forma para a qualidade do ambiente de vida das pessoas;
- Atuar na direção da interdisciplinaridade do conhecimento, com a visão renovadora e desafio de atualização permanente, tendo em vista a socialização do saber;
- Compreender e desempenhar as suas ações na integração multifatorial dos vários aspectos desenvolvidos e aprendidos nas Artes Visuais;
- Integrar com variedades de materiais naturais e fabricados, multimeios (computador, vídeo, cinema, fotografia) percebendo, analisando e produzindo trabalhos de arte;
- Desenvolver a percepção, a reflexão e o potencial criativo dentro da especificidade do pensamento visual.

O acadêmico que frequenta o Curso tem contato com disciplinas gráficas, criação de marcas, logotipos, desenvolvimento de projetos gráficos, cerâmicos – tanto industrial, quanto artesanal –, buscam novos materiais para desenvolvimentos de trabalhos relacionados com a pintura e a cerâmica. Desenvolvem também projetos em estampa e xilogravura, aprendem técnicas de fotografia e sua história, além de elaborar pesquisas para trabalhos artísticos, despertando o seu ser artista.

Visando a melhoria do curso, ocorreram três modificações em sua matriz curricular, entre os anos de 2000 e de 2009, citando a matriz onde o curso era ligado com a Licenciatura, sendo decidido apenas no quarto ano se o acadêmico se formaria em Licenciatura ou Bacharelado. No ano de 2009 foram feitas algumas modificações visando à melhoria do curso de Artes Visuais – Bacharelado, ocorrendo então a modificação da matriz curricular para a Matriz 03, que iniciaram suas atividades na metade do ano de 2010.

O curso visava também o mercado de trabalho que seus acadêmicos poderiam atuar. Na região o campo de trabalho para o acadêmico de Artes Visuais – Bacharelado é bem diversificado, e está crescendo a cada dia. O profissional formado estaria desenvolvendo as atividades, conforme está no PPP (2009),

- Fundações, associações comunitárias, museus e centros culturais;
- Empresas em seus departamentos de arte, criação, design, pesquisa e desenvolvimento de embalagens;
- Malharias, confecções e indústrias cerâmicas, no desenvolvimento de design e estamparias;
- Editoras, indústrias gráficas e agências de publicidade, em seus departamentos de criação e pesquisa;
- Ateliê próprio.

---

<sup>8</sup> Artes Gráficas, Design, Fotografia, Estamparia, entre outras.

Eis que surge então o questionamento, será que os egressos do curso de Artes Visuais – Bacharelado estão atuando na área? Que área realmente é essa? O mercado de trabalho está oferecendo oportunidades para esse campo? São questões intrigantes. Se realmente existe algo bem definido sobre o mercado de trabalho em nossa região, específico para nossos egressos, e se essas vagas estão sendo ocupadas pelos mesmos.

Observando a Matriz curricular atual, podemos observar o quanto o curso vem crescendo e se renovando, pois, além de disciplinas que realmente focam o lado do artista, como: *Performance* e Intervenção, Arte e Agenciamento Cultural, entre outras tantas, propicia ao acadêmico alguma prática no mercado, possibilitando agora o Estágio Obrigatório<sup>9</sup>. O curso coloca o acadêmico no mercado de trabalho, auxilia e incentiva a se aprofundar em uma área, disponibilizando novas chances de aprendizado.

---

<sup>9</sup> Sobre o estágio obrigatório é algo novo, a nova matriz curricular é que o propõe pela necessidade apontada no próprio curso.

#### 4 ARTE – CIDADE – EGRESSOS DO CURSO

A cidade é um espaço cercado de construções, onde seu todo se classifica como uma construção em grande porte, considerada então como uma obra arquitetônica, que no decorrer dos anos cresce cada vez mais dentro de suas limitações.

Em cada parte se registra o novo, a busca por exploração, a cidade deixa-se ser encontrada, se abre para o conhecimento do novo. A cidade é a história da vida do cidadão, que a vivencia no dia-a-dia, é a história que se constrói no determinado espaço. Segundo Lynch (1997, p. 1) "cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados".

Assim como as construções, como tudo que encontramos em uma cidade, também somos parte dela, do seu desenvolvimento, de seu significado. A cidade está sempre em crescimento, se modificando, apresentando detalhes e inovações diferentes. Seu desenvolvimento e crescimento são contínuos, a cidade vive em transformação, para Lynch (1997, p. 2) "não há resultado final, mas apenas uma contínua sucessão de fases".

Muitas vezes a cidade é vista apenas como algo industrial, de crescimento, sempre em desenvolvimento, nessa crescente mudança, e acaba sendo esquecida como um ambiente de lazer, feito para ser usufruído, para ter momentos harmônicos. Lynch (1997, p. 2) nos diz que muitos não vêem o mundo, o lugar onde vivemos como apenas um momento de passagem, onde acabamos sendo turistas, e não eternos, permanentes. Remete-nos a pensar em como estamos vivendo nesse espaço que nos é cedido, se estamos vivendo de acordo, se somos felizes e buscamos isso, ou se apenas vivemos para a tecnologia, o crescimento, o desenvolvimento, esquecendo de que como fizemos parte do desenvolvimento da cidade, também temos que viver bem, buscando um lugar melhor.

Sendo assim, a cidade acaba se tornando uma imagem para cada ser que a habita. Assim como cada ser faz sua imagem perante os outros, a cidade também se registra como imagem. Muitas cidades são conhecidas por suas diferentes paisagens, que acabam sendo seu cartão postal. A cidade passa a remeter a uma identidade, revelando então um significado.

Uma imagem viável requer, primeiro, a identificação de um objeto, o que implica sua diferenciação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável. A isso se dá o nome de identidade, não no sentido de igualdade com alguma outra coisa, mas com o significado de individualidade ou unicidade. Em segundo lugar, a imagem deve incluir a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos. Por último, esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional. (LYNCH, 1997, p. 9)

Para facilitar seu acesso, e para ter um reconhecimento, valor, a cidade necessita de uma imagem, na qual oriente e facilite seu acesso, sendo assim é transmitida, e localizada através de um mapa. Lynch (1997, p. 10) diz que "o mapa, seja ele exato ou não, deve ser bom o suficiente para nos conduzir ao nosso destino. [...] deve ser legível".

A imagem ambiental, referentes às pesquisas citadas por Lynch (1997), transmite o que cada cidadão percorre em seu caminho diário, sua sensação em estar em determinados locais, sua visão da diferença do centro urbano, máquinas, fumaça, industrialização, para locais mais afastados, com verdes, matas, paisagens de mais beleza e satisfação.

Assim como uma obra de arte, um objeto, uma casa, a cidade também tem que ser projetada, desenvolvida, estudada, para assim ser construída ou modificada. Para isso são necessários profissionais adequados, como os urbanistas e arquitetos.

O urbanista quase não se distingue do arquiteto. O primeiro organiza espaços arquitetônicos, fixa o lugar e o destino dos volumes de construção, liga todas as coisas no tempo e no espaço por uma rede de circulação. O outro, o arquiteto, ocupa-se, por exemplo, duma simples cozinha, também projeta volumes construtivos, cria espaço, decide a respeito de circulação. Na fase do ato criador, o arquiteto e o urbanista são um só. (CORBUSIER, [200?], p. 13-14)

Por existir, assim como na arte, um estudo para tal criação e a maneira de inovação, de criatividade, o urbanismo não tem definição própria, se é considerado arte, ciência, tecnologia, sociologia, economia ou política. Argan (1998, p. 226) afirma que:

Se fosse arte, deveria dar lugar a obras unitárias, avaliáveis como entidades estéticas consumadas e autônomas, como as cidades concebidas como uma única e grande arquitetura pelos teóricos da Renascença. Se fosse ciência, deveria depender de um conjunto de leis objetivas e constantes. Se

fosse o momento prático da sociologia, da economia ou da política, seria avaliável apenas sob o aspecto tecnológico e não teria caráter de disciplina autônoma.

Pode-se dizer que é algo que fica em constante mudança, na qual podem ocorrer modificações desde a criação do projeto, até o momento final da execução do mesmo. Ele (o projeto) vai se adequar às condições apresentadas por determinados lugares, pelo modo de como se vive e pelos costumes. A cidade é planejada conforme a evolução de sua sociedade, pois as pessoas que vivem agora não serão as mesmas de cinquenta anos depois, portanto seus costumes também se modificarão.

Com todas as transformações, evidencia-se a criatividade e o processo de criação de uma cidade, sendo que seu processo e quantidade de coisas diferentes passam por estudos e pesquisas semelhantes a uma obra de arte. Segundo Argan (1998, p. 228) “‘a cidade’, dizia Marsilio Ficino, ‘não é feita de pedras, mas de homens’. São os homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou os literatos”.

O homem passa a ser o transformador das cidades, através de sua cultura, seus conhecimentos, sua forma de vida. Retomando ao problema dessa investigação: de que forma uma *foto grafia* pode revelar qual o papel que o egresso do curso de Artes Visuais - Bacharelado ocupa no mercado de trabalho na cidade de Criciúma e Região?

Tratando em específico sobre o mercado de trabalho de Criciúma e região, de que forma a arte está vinculada a esse meio e, no decorrer do próximo subtítulo: como está sendo o desenvolvimento do profissional de arte, em que campo de atuação está seguindo e se as portas deste mercado estão oportunizando a otimização desse profissional?

#### **4.1 Cidade de Criciúma e região**

No decorrer de nosso dia-a-dia, muitas vezes deixamos de observar manifestações artísticas, e outras atividades relacionadas a arte, algumas vezes pela falta de divulgação, ou simplesmente por falta de interesse próprio.

Ao conhecer um pouco mais a região a qual pertencemos, acabamos descobrindo em algumas cidades, como em Criciúma, o investimento em relação à

arte, através de exposições na Fundação Cultural, Casa da Cultura, SESC e na universidade, outras vezes com apresentações na praça, em locais com maior fluxo de pessoas e no Teatro Elias Angeloni. Encontramos também nas cidades próximas, museus que contam a história da região, como o Museu ao ar livre de Orleans/SC, através de objetos, construções e até mesmo esculturas em paredes.

São investimentos que trazem o conhecimento da arte, mostrando do que a arte é capaz, como pode ocorrer toda sua manifestação e abrindo portas para talentos muitas vezes escondidos pela falta de informação e oportunidade.

A arte, na perspectiva da estética, que transparece na região, não está apenas em manifestações, exposições ou teatros, podemos também observar através do que é visual: desenhos, trabalhos de *outdoors*, entre milhares de outras formas, que acabam chamando a atenção aos olhos de quem muitas vezes passa despercebido.

Produções visuais evidenciam também o profissional artista, que cria, busca novas idéias, novas técnicas, novas inspirações. Procura sempre estar interligado com o novo, o atual, para assim poder chocar, chamar a atenção dos que muitas vezes não dão importância para o que está ao seu redor. Esse diferencial do artista está tanto nas artes gráficas, como na cerâmica, na fotografia, entre outras tantas linguagens artísticas.

Para analisar o mercado de trabalho da região, busquei informações no site Sul-SC, que mostra um pouco da história e evolução das cidades. Criciúma teve seu marco com a mineração, a descoberta do carvão, obtendo um crescimento muito grande na economia e na própria cidade. A economia de Criciúma não poderia circular apenas em um pólo, sendo assim, “o setor cerâmico já emergia para se tornar o pólo nacional, [...] surgiu forte a indústria do vestuário, setor que agregou trabalhadores desempregados, profissionais em busca de alternativas e sonhadores com dias melhores”<sup>10</sup>.

Atualmente, a cidade de Criciúma possui um marco de empresas diversas, como: indústrias de descartáveis, metal-mecânica, indústrias químicas, cerâmica, confecção, grandes redes de supermercado do sul do Brasil. Tornou-se um mercado bem amplo, com variedades de opções e vagas em inúmeros setores.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.sul-sc.com.br/>>. Acesso em: 07 abr. 2011.



“A cerâmica, o vestuário, o metal-mecânico e o plástico são os principais segmentos”<sup>11</sup>.

Na cidade de Cocal do Sul/SC, a principal fonte econômica é a cerâmica de revestimentos, do grupo Eliane. Além do marco cerâmico, a economia também gira em torno da plantação de fumo, milho, arroz, além da criação de bovinos e suínos. Urussanga/SC, também conhecida como a *Terra do vinho*, além do vinho, foca também na produção agrícola. Assim, as cidades vizinhas, por meio do crescimento do poder econômico, desenvolvem-se, crescem as indústrias, o comércio, possibilitando cada vez mais empregos, com um campo maior para o mercado de trabalho, em específico os egressos do Curso de Artes Visuais.

Mas, como o egresso de Artes Visuais – Bacharelado está atuando nesse mercado de trabalho? Quais portas estão sendo abertas, como o egresso se comporta diante do mercado, se está envolvido com a arte ou não.

#### **4.2 Pesquisa de campo: com o que trabalham os egressos?**

Na perspectiva de melhor contemplar o problema dessa investigação: De que forma uma *foto grafia* pode revelar qual o papel que o egresso do curso de Artes Visuais – Bacharelado ocupa no mercado de trabalho na cidade de Criciúma e Região? Faço opção neste momento pela análise das respostas ao questionário, enviadas por e-mail aos egressos do curso de Artes Visuais – Bacharelado (UNESC), por mim recebidos.

Com o que trabalham os egressos? As questões do questionário foram pensadas/elaboradas na intenção de dar conta desta resposta. Dos 144 enviados, faço aqui a análise dos questionários recebidos até o dia 27 de maio de 2011, totalizando 18 e-mails/resposta.

O questionário contém seis perguntas: a primeira relacionada à escolha do curso. Observando as respostas, dois entrevistados vinham vivenciando trabalhos com a arte desde pequenos, quinze trabalhavam com criação, artes gráficas, ou pensavam em trabalhar em áreas na qual o curso - pela abrangência de informações - poderia possibilitar, sem ser necessário talvez ser formado em “design”, e um já trabalhava com fotografia.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.sul-sc.com.br/>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

Sendo assim, o que acabou chamando a atenção para o curso foram as varias áreas que ele propicia. Algumas das disciplinas da matriz curricular também fizeram com que alguns optassem pelo curso. Como nos relata a egressa Juliane: *“escolhi porque queria trabalhar com fotografia, queria aprender e exercitar mais a criatividade”*.

A segunda pergunta era relacionada às experiências profissionais anteriores, no que já trabalhou. Analisando as respostas, pude observar que dez já trabalhavam com criação, desenvolvimento de embalagens, artes gráficas e também na parte de fotografia; oito não trabalhavam em nada relacionado à criação.

A próxima pergunta foi relacionada ao que depois de formado estava atuando, em que área estava trabalhando: quatro possuem empresas próprias, relacionadas à fotografia, ateliês e estamparia. Cinco trabalham no desenvolvimento gráfico, criação de produtos, estampas, móveis; dois trabalham em lugares que envolvem a arte, como a Fundação Cultural de Criciúma; três lecionam como professores de arte, ou relacionados à arte. Porém, dois dos entrevistados, por não possuírem experiência no mercado de trabalho, não conseguem emprego.

Como nos relata a egressa Tatiane: *“as empresas e locais de trabalho que até agora procurei, não aceitam pessoas que não tenham nenhuma experiência profissional na área”*. Podemos observar com as palavras de Tatiane, o quanto o estágio obrigatório é importante para o desenvolvimento do acadêmico, pois além de lançá-lo no mercado de trabalho, faz com que obtenha experiência no ramo que escolheu estudar. Observamos então, que o acadêmico que está cursando artes, assim como as outras áreas, deve procurar algum estágio relacionado ao curso, porém, o formado em artes tem maior dificuldade de entrar no mercado de trabalho sem ter feito algo relacionado à arte, ou ter experiência comprovada.

A quarta pergunta é direcionada ao profissional: *“o curso de artes ajudou no desenvolvimento profissional?”* Fazendo uma análise geral das respostas, treze afirmaram que o curso possibilitou novos conhecimentos e aprofundou nos campos desejados. Cinco dizem que o profissional não sai totalmente preparado para entrar no mercado de trabalho, a preparação ocorre com as portas que se abrem, e com a busca e o interesse de cada um. O profissional se torna apto após ter alguma experiência profissional relacionada a área de atuação.

Escolhi duas respostas contrárias para esclarecer minha análise. Para Sérgio o curso *“ampliou meus conhecimentos e bagagem artística e cultural para o*

*sucesso da minha carreira como artista plástico e professor”, já para Patrícia: “tudo o que uso aprendi no dia-a-dia de minha profissão”.*

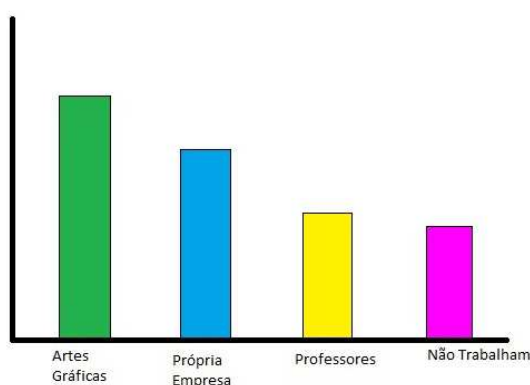
Na sequência, a questão era relacionada com o artista, se alguém já havia participado de alguma exposição como artista. Foram cinco os que participaram como artistas, a não ser no período de faculdade, com exposições feitas pelo próprio curso. Estes cinco participaram uma ou várias vezes, pois praticam com forte intuito a formação efetuada. Para comprovar, cito as palavras de Jonas, *“ano passado (2010) eu fui premiado no Salão dos novos de Joinville, minha primeira premiação, mas antes disso já estava participando de algumas exposições ao qual foram aparecendo oportunidades”.*

Na última pergunta, a questão abordada foi referente à especialização, se estavam fazendo ou não especialização. São cinco os que estão ou já se especializaram, treze pretendem. Entretanto, algumas especializações não são encontradas na região e exige um sacrifício maior, como deslocamento ou até mesmo, por ser tão longe, necessita de residir no local. Dois dos que não estão se especializando fazem cursos relacionados à arte, para assim estarem se aprofundando em várias áreas. Esses cursos são voltados para o artesanato ou ao aperfeiçoamento de programas relacionados à fotografia, como o *photoshop*.

As especializações feitas pelos egressos são voltadas para o aprendizado da arte contemporânea, publicidade, marketing e design gráfico. A maioria foca o estudo das artes gráficas, ou seja, o design gráfico ainda.

Para melhor compreendermos os dados das respostas, “onde trabalham os egressos?” Demonstrei através de um gráfico (Figura 10), os dados coletados, que focam o mercado de trabalho do formado em Artes Visuais/Bacharelado.

Figura 10 – “Onde trabalham os egressos?”



Fonte: Arquivo pessoal

Através desta pesquisa podemos observar que o mercado relacionado à formação em Artes Visuais – Bacharelado é muito amplo, existem inúmeras possibilidades de campos de trabalho. O que se pode observar com a pesquisa é que o campo com mais atuação é relacionado às artes gráficas, na criação e no desenvolvimento de produtos ou serviços. Podemos observar também que em sua maioria, os egressos iniciaram o curso em busca do design gráfico, não focando a arte em si, como aprender artístico.

O curso de Artes Visuais – Bacharelado proporciona ao acadêmico inúmeras possibilidades de entrada no mercado de trabalho. Por este fator, de inúmeras possibilidades, não se pode determinar um campo, uma profissão específica para o profissional formado no bacharelado. A presente investigação aponta para o que já se está sendo discutido no próprio curso: a necessidade do estágio e o foco um pouco mais forte para a pesquisa e a arte propriamente dita.

Assim, como são encontrados nos documentos do curso, o PPP, existem inúmeros ramos onde o formado em Artes Visuais – Bacharelado, pode trabalhar, como na criação e desenvolvimento de peças cerâmicas, ou de vestuário, fotografia em geral, estar envolvido com a cultura da região, trabalhando em museus, centros culturais, editoras, empresas de publicidade, onde atuem na área da criação e pesquisa, possuindo ateliê próprio, vivendo da arte, ou até mesmo uma empresa relacionada à criação.

## 5 PROCESSO DE CRIAÇÃO

Pensando em como desenvolver a obra, em como criar, surge a dúvida: *como demonstrar o papel do egresso em Artes Visuais – Bacharelado no mercado de trabalho através de uma FOTO GRAFIA?* Utilizando a palavra separada, não fotografia em um total, busco através da primeira (foto) a identidade do egresso, como acontece o crescimento do mesmo no desenvolvimento do curso e sendo colocado perante o mercado de trabalho. A segunda palavra (grafia) como a escrita, a forma de como ele se vê nesse mercado, e de que maneira o curso de Artes Visuais – Bacharelado contribuiu para o desenvolvimento do egresso nesse mercado.

Vivemos em uma era de desconstrução, onde a arte se constrói na desconstrução dela mesma, causando sensações diferentes, inquietações, onde quem a observa acaba fazendo parte da mesma. Estamos falando assim da arte contemporânea, que passa a demonstrar a desconstrução do real, a desconstruir a arte que era costumeiramente vista e constrói um novo olhar, o olhar referente ao que nos rodeia, assim como nos afirma Cocchiarale (2006, p.16), “se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima da vida”.

Assim como um projetista cria ou desenvolve um produto, sem que o mesmo o construa, na arte contemporânea o artista não necessita construir a obra: “se é a invenção ou a idéia que qualifica a autoria (coisa mental) o artista não mais precisa, necessariamente, fazer sua obra com as mãos” (COCCHIARALE, 2006, p. 32).

A arte contemporânea passa, muitas vezes, a ser questionada pelo fato de estar em contato com o que vivemos, tornando-se mais difícil de ser compreendida. Segundo Cocchiarale,

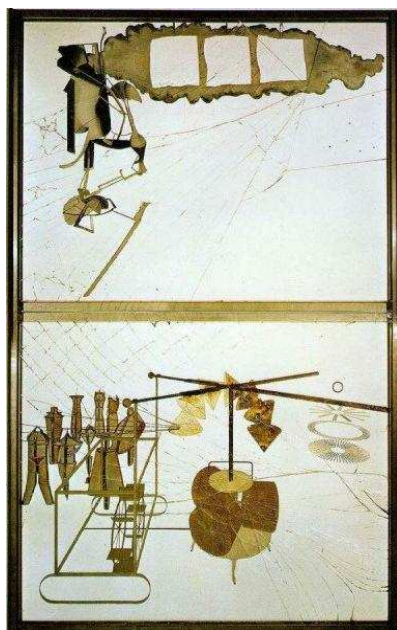
Nós temos que pensar essas características do nosso cotidiano porque um dos grandes obstáculos para entender a arte contemporânea é o fato de ela ter se tornado parecida demais com a vida. É como se, num processo de integração entre arte e vida, a arte tivesse doado tanto sangue para a estetização da vida que ela se desestetizou. (2006, p. 39)

Assim que a obra é exposta, o artista não possui mais nela, sua identidade, a obra passa a falar por si só, gerando significados através do que é exposto. A obra passa a se integrar com quem a observa, ela mesma se comunica,

assim como nos diz Cauquelin (2005), a arte contemporânea é pertencente ao meio de comunicação, ou seja, ela se comunica por si só, sem a necessidade de explicação. A arte contemporânea acaba se tornando uma linguagem através de signos, ela passa a ser uma arte pensada, ou seja, ela busca transmitir algo, uma inquietação. A obra não é só a obra que está exposta, mas sim uma união da obra com quem a observa. Como nos afirma Cauquelin (2005, p. 90) "o observador e o observado estão unidos por essa construção e dentro dela".

Podemos dizer então, que o espectador faz parte do conjunto da obra, ele participa de alguma forma, a arte contemporânea permite essa participação, a participação do *eu* com a obra, do observador com a obra que está sendo observada. A obra *O Grande Vidro* (Figura 11), de Duchamp, demonstra essa participação do espectador com a obra, na qual o espectador vendo seu reflexo participa do contexto da obra.

Figura 11 – O grande Vidro, 1915-1923. Marcel Duchamp



Fonte: [www.cumincades.scix.net](http://www.cumincades.scix.net)

A arte contemporânea utiliza diversos tipos de materiais existentes com todo processo de estudos. Cauquelin (2005, p. 7) diz que "o artista não cria mais, ele utiliza material" citando no desenvolvimento da arte contemporânea as criações de Duchamp, assim como a *Fonte* (Figura 12), onde o artista utiliza um mictório, objeto já existente, desenvolvido pela indústria.

Figura 12 – Fonte (obra ready-made), 1917. Marcel Duchamp



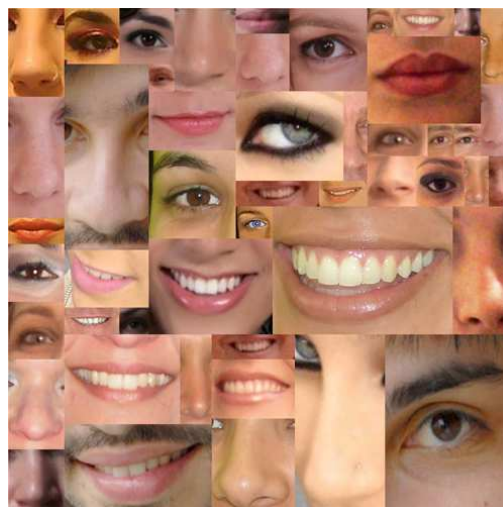
Fonte: [www.artefontedeconhecimento.blogspot.com](http://www.artefontedeconhecimento.blogspot.com)

Com base nos estudos da arte contemporânea, busco retratar o problema desta pesquisa, esta inquietação que é: *De que forma uma foto grafia pode revelar qual o papel que o egresso do curso de Artes Visuais – Bacharelado ocupa no mercado de trabalho na cidade de Criciúma e Região?*

Juntamente com o questionário, foi encaminhado também para os egressos o pedido de uma foto do rosto de cada um. Sua utilização ainda era incerta, porém, a foto seria utilizada para representar a identidade que o egresso constrói ao longo do curso de Artes Visuais – Bacharelado, rumo ao mercado de trabalho.

Para representar essa identidade, encontrei na forma de desconstrução do rosto, ou seja, na quebra de partes e na sobreposição da mesma (Figura 13), representando assim, a forma que o acadêmico entra no curso e sua transformação no momento em que sai rumo ao mercado de trabalho, os inúmeros conhecimentos que adquiriu tanto no decorrer do curso, em relação a teorias, quanto aos conhecimentos adquiridos uns com os outros.

Figura 13 – Desconstrução do rosto



Fonte: Arquivo Pessoal

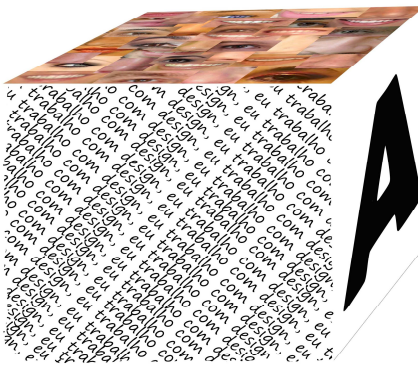
No entanto, a criação da obra não está apenas na construção da identidade do egresso, mas também no mercado de trabalho em que este está atuando. Para demonstrar o mercado de trabalho atuado pelos egressos, proponho a construção de quatro cubos, de tamanhos diferenciados, onde esses tamanhos correspondem à quantidade de egressos em respectivos campos, nos quais foram observados através da pesquisa de campo.

Estes cubos fazem uma representação gráfica das respostas. Sendo que em dois dos lados de cada cubo, estarão desenhadas as letras R, E, A, T, e as sílabas CI, DE, DA que, quando colocadas corretamente, formam a palavra ARTE e a palavra CIDADE. Por que estar demonstrando as palavras arte e cidade? Arte dentro do contexto da produção artística, está representando a formação desse egresso, representa o curso de Artes Visuais – Bacharelado na formação desse profissional. A palavra cidade faz referência ao mercado de trabalho e a pesquisa de campo realizada na cidade de Criciúma e região. No espaço vazio que fica ao redor da letra, serão colocadas frases referentes às respostas dos egressos sobre com o que estão trabalhando, frases escritas pelos próprios egressos, em suas respostas ao questionário, como: *Trabalho com projetos de interiores; trabalho com estamparia; tenho um ateliê; trabalho em minha própria empresa; trabalho no meu estúdio fotográfico; trabalho na fundação cultural; trabalho como funcionária municipal; sou professor de mosaico, desenho de ilustração e observação, fotografia*



*digital e design de superfície; sou professora; trabalho com artes gráficas; trabalho com estamparia, serigrafia e transfers; trabalho como designer gráfico.* (Figura 14).

Figura 14 – O Cubo



Fonte: Arquivo Pessoal

Como através das pesquisas e das inúmeras áreas em que o formado em Artes Visuais – Bacharelado pode estar atuando no mercado de trabalho, para compor a Produção Artística, ficará rodando um CD, em um aparelho de som, palavras correspondentes ao curso, à formação acadêmica e ao mercado de trabalho no qual o egresso pode atuar ou atua. As palavras são as seguintes: *designer, fotografia, artista, desenho, exposição, arte, cerâmica, pintura, propaganda, estamparia, criação, imaginação, desenvolvimento, visão, experimento, transformação, teatro, eu, identidade, criatividade, fazer artístico, exposição, educação estética, fruição, produção.*

Para a construção dos cubos, foram utilizadas madeiras, pintados de branco, com frases escritas com caneta preta, sendo que em dois dos lados de cada cubo foram pintadas as letras e sílabas que formam as palavras Arte e Cidade, sobre as frases. Nos outros dois lados foram colados fotos com as montagens feitas com partes do rosto de cada egresso, para isso, foi utilizado o programa *photoshop*. Cada um dos cubos mede 35 x 35 cm, 30 x 30 cm, 25 x 25 cm, 20 x 20 cm, respectivamente e a obra levou, aproximadamente, 32 horas para ser concluída.

Figura 15 – Produção Artística



Fonte: Arquivo Pessoal

Sendo a arte contemporânea, completada com a participação do espectador com a Produção Artística, busco fazer com que o próprio espectador monte a sua obra, interfira nas posições dos cubos, interagindo. Tente formular palavras e montar esculturas, demonstrando assim sua própria identidade. A produção artística é sem título, pois convida o espectador a transformar e a imaginar um significado para a mesma.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A identidade é construída com o desenvolvimento social, com as novas tecnologias, as novas formas de representação, o *eu* acaba sendo construído, com o que acontece na cultura, o que absorve, acaba criando identidade através das identidades que surgem. Nessa perspectiva, o curso de Artes Visuais – Bacharelado busca contribuir na construção da identidade de seus egressos, aproximando-os à exigência do mercado de trabalho, com o intuito de identificar assim, o mercado propício para essa formação artística.

O acadêmico, na maioria das vezes, acaba entrando no curso, não com o intuito de se aprofundar na arte, mas sim nas disciplinas relacionadas a certos campos de trabalho. No entanto, no decorrer do curso, percebe a importância que a arte pode trazer até mesmo em profissões mais técnicas. Auxilia na criação e no conhecimento conceitual de tal criação.

O curso possibilitou novos conhecimentos e aprofundou nos campos desejados, porém, o profissional não sai totalmente preparado para entrar no mercado de trabalho, a preparação ocorre com as portas que se abrem, e com a busca e o interesse de cada um. O profissional se torna apto após ter alguma experiência profissional relacionada à área de atuação.

São inúmeras as possibilidades do egresso de Artes Visuais - Bacharelado seguir como profissão, entrar no mercado de trabalho, pois o curso, assim como quando iniciou na região, na formação de profissionais que atuassem nesse mercado de desenvolvimento e criação, para suprir as necessidades da região, diminuindo a necessidade da vinda de profissionais de outras regiões.

A arte muda, assim como o artista também muda a forma de criar, de se manifestar, na utilização de materiais diferenciados, onde a arte passa a buscar novas formas de representação, de manifestação, lança novos registros para a arte. É nessa evolução artística que surge a fotografia, a manifestação do real, sem o toque do ser humano.

O homem através de estudos conseguiu transferir para o papel, o que só a pintura fazia, apesar de não ser o registro real de detalhes, mas era o que se podia registrar. A fotografia passa a assumir a forma de registro do real, pois transmite realmente o que se vê, em algumas vezes com mais detalhes do que o olho humano pode ver. Com isso, a fotografia passa a fazer parte da arte, no desenvolvimento e

na evolução artística, com envolvimento total na arte contemporânea, na qual registra manifestações momentâneas, se torna objeto de transmissão da arte. A fotografia nem sempre necessita de explicação, a imagem passa a falar por si só, remete emoções e significados diferenciados para cada espectador.

A arte contemporânea passa a fazer uma integração do observado com o observador, na qual os dois se tornam componentes que transformam a obra. Através dessa manifestação artística, busquei na produção artística revelar a identidade que o egresso do curso de Artes Visuais – Bacharelado tem no mercado de trabalho em que atua.

Como vimos no decorrer da pesquisa, o acadêmico pode se formar artista, no entanto ele tem que ter alguma ligação com a arte, tem que gostar do fazer artístico, buscar através da arte, sua própria identidade de manifestação, de beleza, assim como toda a profissão, o artista tem que amar o que faz e se dedicar a isso. Sendo que muitos conseguem se manifestar, transmitir a arte sem mesmo possuir uma formação acadêmica.

A pesquisa mostra que a maioria dos acadêmicos, que acabam escolhendo o curso de Artes Visuais – Bacharelado, entram com o foco de trabalhar com o design gráfico, com artes gráficas, não entram com intuito de focar a arte, de ser artista. No decorrer do curso, acabam em sua maioria apaixonando-se pela arte, e que através da arte podem até mesmo desenvolver a arte gráfica de uma forma melhor, com mais criatividade, e com mais referenciais.

Desenvolver uma obra é algo prazeroso, entretanto é uma tarefa árdua na busca do que pode ser transmitido com ela. Sua construção não foi a parte de maior exigência, mas sim sua elaboração, o como transmitir essa identidade de mercado no contexto da obra, relatar através da composição da *foto grafia*, a identidade de cada egresso. Não considero essa pesquisa terminada, pois quando se trata de fontes referenciais, de construção de identidade, se torna uma pesquisa inesgotável, pois no campo da Arte, tudo pode ser transformado, renovado e expressado.

## REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins, 2005.
- COCCHIARALLE, Fernando. **Quem tem Medo de Arte Contemporânea**. Recife: Massangana, 2006.
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CORBUSIER, Le. **Maneira de pensar o urbanismo**. 3 ed. Mira-Sintra: Publicações Europa - América, [200-?].
- COSTA, Cristina. **Questões de arte**: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético. São Paulo: Moderna, 2002.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros Ensaios**. 7 ed. São Paulo: Papirus Editora, 2003.
- FABRIS, Annateresa. **Fotografia**: usos e funções no século XIX. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **A Imagem da Palavra**. Teresópolis, RJ: Novas Idéias, 2007.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Tradução Tomaz da Silva. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

ITAÚ CULTURAL (Brasil). **Câmera Obscura**. [S.l.]: 2008. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=82](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=82)>. Acesso em: 07 abr. 2011.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as Linguagens Artístico-Culturais: Processos de Apropriação/Fruição e de Produção/Criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e Arte: As Linguagens Artísticas na Formação Humana**. Campinas: Papirus, 2008.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

MUNICÍPIO de Criciúma. [S.l.]. Disponível em: <<http://www.sul-sc.com.br/>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2006.

PEREZ, Karine Gomes. A fotografia contaminada como possibilidade nas poéticas artísticas contemporâneas. **Revista do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria/RS, n. 3, p.1-11, set. 2009. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/viewFile/2190/1350>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

PROJETO de alteração no curso de Artes Visuais – desmembramento das habilitações – licenciatura e bacharelado com alteração nas matrizes, pré-requisitos e equivalências. 2006. Curso de Artes Visuais – Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Resolução nº 107/2007/CEE-SC-2009. Artes Visuais – processo de renovação de reconhecimento do curso superior de graduação em Artes Visuais – Bacharelado. 2009.

TOLDO, Rafael. **O ensino da arte (re) significado no curso de artes visuais**: reflexões a partir da produção artística dos alunos. 2010. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais - Licenciatura, Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma/SC, 2010. Disponível em:

<<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00004B/00004B2A.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. Artes Visuais – Método Autobiográfico: possíveis contaminações. In: ROCHA, Cleomar de Souza. **Arte: limites e contaminações**. Anais do 15º Encontro Nacional da ANPAP. Salvador, Anap, 2007.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte**: Um paralelo entre Arte e Ciência. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é Fotografia**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

## **APÊNDICES**



## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

### Questionário

Acadêmico (Egresso):

1. Por que você escolheu o Curso de Artes Visuais/Bacharelado? Quando iniciou o curso e quando se formou?
2. Quais as experiências profissionais que você vivenciou?
3. Onde está trabalhando no momento?
4. O curso lhe ajudou profissionalmente? Justifique sua resposta.
5. Você já participou de alguma exposição de arte como artista?  
Nao, so mesmo na epoca de Faculdade
6. Fez ou faz especialização? Qual o curso e a instituição/  
período?

## **ANEXOS**

## ANEXO A – REALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA



Fonte: Arquivo Pessoal

## ANEXO B – PRODUÇÃO ARTÍSTICA



Fonte: Arquivo Pessoal (Produção Artística e autora)

## ANEXO C – MATRIZ CURRICULAR Nº 3 – CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO



### ANEXO DA RESOLUÇÃO n. 18/2009/CÂMARA ENSINO DE GRADUAÇÃO MATRIZ CURRICULAR n. 03 - CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

Duração Mínima: 04 (quatro) anos ou 08 (oito) semestres

Carga Horária Total: 2.822 horas

Total de Créditos: 169

DISCIPLINAS	FASES								CRED	HORA AULA	
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª		50 MIN	60 MIN
História da Arte - da Pré-História à Idade Média	02								02	36	-
Introdução às Diferentes Linguagens Artísticas	02								02	36	-
Percepção e Desenho	04								04	72	-
Metodologia Científica e da Pesquisa	04								04	72	-
Fundamentos da Linguagem Visual	04								04	72	-
Fundamentos da Computação nas Artes	04								04	72	-
História da Arte - do Renascimento à Modernidade	02								02	36	-
Arte Brasileira	02								02	36	-
Produção e Interpretação de Textos	04								04	72	-
Computação Arte	04								04	72	-
Composição Visual	04								04	72	-
Escultura e Pesquisa	04								04	72	-
História da Arte Contemporânea			04						04	72	-
Cerâmica Artesanal			04						04	72	-
Imagens Digitais			04						04	72	-
Filosofia			04						04	72	-
Iconografia e Cultura Regional			04						04	72	-
Artes Gráficas				04					04	72	-
Semiótica				04					04	72	-
Gravura e Pesquisa				04					04	72	-
Estética				04					04	72	-
Fundamentos do Design e Metodologia de Projetos				04					04	72	-
Processos Fotográficos					04				04	72	-
Desenho Contemporâneo					04				04	72	-
Design de Superfície					04				04	72	-
Performance e Intervenção					04				04	72	-
Teoria e Crítica de Arte					04				04	72	-
Ensaios Fotográficos						04			04	72	-
Design Cerâmico						04			04	72	-
Pintura e Pesquisa						04			04	72	-
Serigrafia e Estamparia Têxtil						04			04	72	-
Arte e Agenciamento Cultural						04			04	72	-

FUCRI - FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA (MANTENEDORA)

Avenida Universitária, 1105 - Bairro Universitário - Cx. Postal 5167 - Fone: (51) 3331-2460 - E-mail: fucrima@fucrima.br - CEP 88806-000 - CRICIÚMA - SC  
Criciúma, 09/03/2010  
http://www.unesc.net



## ANEXO D - MATRIZ CURRICULAR Nº 3 – CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO



DISCIPLINAS	FASES								CRÉD	HORA AULA	
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª		50 MIN.	60 MIN.
Linguagem do Cinema e Vídeo							04		04	72	
Poéticas Digitais							04		04	72	
Trabalho de Conclusão de Curso I							04	04	08	144	
Optativa*							08	09	17		306
Estagio								12	12		216
Trabalho de Conclusão de Curso II							24	25	169	2.520	522
SUB-TOTAL	20	20	20	20	20	20	24	25			
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais - AACC**											200
TOTAL GERAL	20	20	20	20	20	20	24	25	169	2.520	722

**CARGA HORÁRIA TOTAL: 2.520 horas/aula = 2.100 + 722 horas = 2.822 horas**

\*Optativa - Caberá a Coordenação do Curso definir que disciplina optativa será ofertada a cada fase.  
\*\*Atividades Acadêmico-Científico-Culturais - AACC, cursadas ao longo do curso e normatizadas por legislação específica

ROL DAS DISCIPLINAS OPTATIVAS*	CREDITOS	HORA/AULA
Gravura	04	72
Produção e Interpretação de Textos II	04	72
Empreendedorismo e Marketing	04	72
Expressão Teatral	04	72
Perspectiva e Sombra	04	72
Mídias Interativas	04	72
Semioses Visuais	04	72
Oficina de Vídeo e Cenografia	04	72
Acabamentos e Tipos de Queimas (Cerâmica)	04	72
Tecnologia no Ensino da Arte	04	72
Imagem na Comunicação	04	72
Antropologia Cultural	04	72
Batik	04	72
Atividade Complementar Supervisionada nas Empresas	04	72
Libras		
Disciplinas do Núcleo Comum da UNA HCE		

Gravura: 07 de maio de 2009.

*Neide Inês Ghellere de Luca*  
**PROFª NEIDE INÊS GHELLERE DE LUCA**  
**PRESIDENTE DA CÂMARA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

**FUCRI - FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA (MANTENEDORA)**

Av. da Universidade, 1195 - Bairro Universitário - Caixa Postal 5107 - Fone: (41) 301-2431/2531 Fax: (41) 301-2431/2531 CEP 88806-000 CRICIÚMA - SC  
 e-mail: [fucri@fucri.org.br](mailto:fucri@fucri.org.br) <http://www.unesc.net>

## ANEXO E - MATRIZ CURRICULAR Nº 2 – CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO



### ANEXO DA RESOLUÇÃO n. 14/2004/CONSU MATRIZ CURRICULAR n. 02 - CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

Curso reconhecido por 5 anos: Resolução n. 22/2004/CEE/SC  
Alteração da Matriz Curricular: Resolução n. 14/2004/CONSU  
Duração: Mínima: 04 anos ou 08 semestres; Máxima: 07 anos ou 14 semestres  
Carga Horária Obrigatória: 2.880 + 200 (ACCC) = 3.080

DISCIPLINAS	FASES								TOTAL CRÉD	TOTAL H/A
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª		
História da Arte: Pré História à Idade Média	02								02	36
Introdução às Diferentes Linguagens Artísticas	02								04	72
Percepção e Desenho* -1	04								04	72
Metodologia Científica e da Pesquisa	04								04	72
Filosofia	04								04	72
Fundamentos da Computação nas Artes* -1	04								02	36
História da Arte: Renascimento à Modernidade		02							02	36
Arte Brasileira		02							04	72
Produção e Interpretação de Textos		04							04	72
Atividade Física e Qualidade de Vida		04							04	72
Computação Arte* -1		04							04	72
Fundamentos da Linguagem Visual* -1		04							04	72
História da Arte: Contemporânea			04						04	72
Semiótica			04						04	72
Imagens Digitais* -1			04						04	72
Fundamentos do Design e Metodologia de Projetos* -1			04						04	72
Iconografia e Cultura Regional			04						04	72
Artes Gráficas* - 1				04	04				08	144
Cerâmica Artesanal* - 1				04	04				04	72
Desenho Digital - 1				04					04	72
Estética				04					04	72
Design de Superfície - 1					04				04	72
Desenho Contemporâneo*					04				04	72
Pintura					04				04	72
Teoria e Crítica de Arte						04			04	72
Processos Fotográficos* -1						04			04	72
Design Cerâmico						04			04	72
Pintura e Pesquisa de Novos Materiais*						04			04	72
Serigrafia e Estamparia Têxtil -1						04	04		08	144
Optativa										

## ANEXO F - MATRIZ CURRICULAR Nº 2 – CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO



DISCIPLINAS	FASES								TOTAL	
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	CRÉD	H/A
Ensaios Fotográficos* -1							04		04	72
Marketing							04		04	72
Gravura* -1							04		04	72
Trabalho de Conclusão de Curso							04	16	20	360
Poéticas Digitais							04		04	72
SUB-TOTAL	20	20	20	20	20	20	20	20	160	2.880
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais – AACC, cumpridas durante o curso, fora da matriz curricular e normalizadas pela Coordenação do curso										200
TOTAL	20	20	20	20	20	20	20	20	160	3.080

\* Dos 04 (quatro) créditos da disciplina, 02 (dois) créditos são de prática como componente curricular.  
- 1 Disciplinas Divididas.

DISCIPLINAS OPTATIVAS
Gravura II
Produção e Interpretação de Textos II
Empreendedorismo e Marketing
Expressão Teatral
Perspectiva e Sombra
Mídias Interativas
Semioses Visuais
Oficina de Vídeo e Cenografia
Acabamentos e Tipos de Queimas (Cerâmica)
Tecnologia no Ensino da Arte
Imagem na Comunicação
Antropologia Cultural
Batik
Atividade Complementar Supervisionadas nas Empresas
Outras
Disciplina Optativa – Caberá à Coordenação do Curso definir quais disciplinas optativas serão ofertadas a cada semestre.

*Curtis*



## ANEXO G - GRADE CURRICULAR DO CURSO DE ARTES VISUAIS

### GRADE CURRICULAR DO CURSO DE ARTES VISUAIS

Aprovação: Resoluções n. 19/99/CONSU

Habilitação: Licenciado e Bacharel em Artes Visuais

Duração: Mínima: 4 anos ou 8 semestres – Máxima: 7 anos ou 14 semestres

Carga Horária Obrigatória: 2.880 h/a

Total de Créditos: 160

DISCIPLINAS	FASES								TOTAL	TOTAL
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	CRÉD.	H/A
<b>Disciplinas comuns</b>										
História das Artes Visuais	02	02	02	02	02	02			12	216
Desenho Básico	02								02	36
Língua Portuguesa	02	02							04	72
Plástica	02								02	36
Filosofia	04								04	72
Fundamentos da Linguagem Visual	04								04	72
Atividade Física e Qualidade de Vida	04								04	72
Expressão Teatral		02	02						04	72
Expressão Musical		02	02						04	72
Metodologia Científica e da Pesquisa		04							04	72
Perspectiva e Sombra		04							04	72
Computação		04							04	72
Psicologia da Arte			02						02	36
Desenho Artístico			04						04	72
Escultura e Cerâmica			04	04	04	04			16	288
Computação (Arte)			04						04	72
Computação Gráfica				04					04	72
Antropologia Cultural				02					02	36
Pintura				04	04	04			12	216
Fundamentos em Arte Educação				04					04	72
Estética					02	02			04	72
Artes Gráficas					04	04			08	144
Teoria e Crítica de Arte					04				04	72
Gravura						04			04	72
<b>Disciplinas específicas ao Bacharelado</b>										
Gravura (Serigrafia)							04		04	72
Fotografia Publicitária							04		04	72
Marketing Cultural							04		04	72
Design Cerâmico							04		04	72
Multimídia							04	03	07	126
Trabalho de Conclusão de Curso								17	17	306
<b>Total Bacharelado</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>160</b>	<b>2880</b>
<b>Disciplinas específicas à Licenciatura</b>										
Fundamentos em Arte Educação							04		04	72
Didática Geral							04		04	72
Psicologia da Educação							04		04	72
Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio							04		04	72
Avaliação da Aprendizagem							04		04	72
Pintura								03	03	54
Prática de Ensino Sob Forma de Estágio Supervisionado								17	17	306
<b>Total Licenciatura</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	<b>160</b>	<b>2.880</b>